

REVISTA DA  
**ACADEMIA**  
**PIRACICABANA**  
DE **LETRAS**



LUMEN SPARGIT

ANO VII - Nº 11  
PIRACICABA - 2015

REVISTA DA  
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano VII – nº. 11  
Piracicaba – Maio de 2015

## REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,  
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,  
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,  
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: [academiapiracicabanadeletras@gmail.com](mailto:academiapiracicabanadeletras@gmail.com)

Blog: [academiapiracicabana.blogspot.com](http://academiapiracicabana.blogspot.com)

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

João Umberto Nassif (MTb 24 682)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada  
ao Editor no seguinte endereço:

Rua do Rosário, 2561

CEP 13401-138 – Piracicaba-SP

E-mail: [joaonassif@gmail.com](mailto:joaonassif@gmail.com)

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Neder

Aracy Duarte Ferrari

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Elias Salum

Ivana Maria França de Negri

Myria Machado Botelho

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:

Mônica Corazza

DIAGRAMAÇÃO:

Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Audáxia Agência Gráfica (19) 3927-3974

[audaxial@gmail.com](mailto:audaxial@gmail.com)

\*\*\*

*As opiniões expressas nos artigos assinados  
são de responsabilidade exclusiva de seus autores.*

## APRESENTAÇÃO

Apresentamos desta vez a 11ª Revista, última de nosso 2º mandato (foram seis anos...) à frente da Academia Piracicabana de Letras.

Despedidas são sempre complicadas na medida em que não podemos esquecer tanta gente que esteve conosco nestes anos de perseverança, preocupações... mas de muita alegria também.

Não há dúvidas que fazer reviver a A.PL. não foi tarefa fácil, mas que nos trouxe uma satisfação imensa, sobretudo em termos colaborado esse tempo com a Vida Literária desta terra de Piracicaba que amamos tanto.

No mais é só agradecer todos aqueles que estiveram conosco nos mais diversos momentos e trabalhos, aos Jornais e aqueles que nos cederam seus estabelecimentos para nossas reuniões, ao público em geral, colaboradores, admiradores, acadêmicos e a todos que, de alguma forma estiveram conosco nesta jornada.

Um agradecimento especial à nossa querida diretoria, amiga, assídua, prestativa e eficiente, cuja ajuda, presença e responsabilidade nos fizeram a todos chegar até aqui.

Palavras simples e sinceras, porém vindas do fundo do coração realçando a frase maior e melhor que encontramos:

**“Fizemos o melhor que pudemos”!**

Com nosso abraço amigo, os votos e os desejos para que a próxima gestão se revista de todo Sucesso nas suas mais pro-fícuas realizações.

Pela Academia Piracicabana de Letras

*Maria Helena Corazza*  
*Presidente (2009 a 2015)*



## ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>Prenúncio de Primavera / Fases da Vida / Protesto à Italiana</i> .....	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>Abstração I / Abstração II / Conflito / Premonitório / O velho Piracicaba</i> .....	11
Aracy Duarte Ferrari – <i>Clima de Saudade / Climatologia / Chá Cultural</i> .....	19
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Teste seu Português de Rua</i> .....	23
Carlos Moraes Júnior – <i>A falsa ciência</i> .....	25
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>“Genius loci” (o espírito do lugar) / Descompasso / Walking Dead – de um novo conceito nas cidades</i> .....	27
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>O professor / A silhueta de Hiroshima</i> .....	31
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Até onde seremos culpados?</i> .....	35
Elias Salum – <i>Usos e Costumes Islâmicos</i> .....	39
Felisbino de Almeida Leme – <i>Meu bom Anjo da Guarda / Universo Feminino / Gota de Esperança / Navegantes</i> .....	43
Francisco de Assis Ferraz de Mello – <i>A boa árvore / Homenagens</i> .....	45
Geraldo Victorino de França – <i>Conhecendo as sete listas de “Sete”</i> .....	47
Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>Do primeiro automóvel a gente nunca esquece</i> .....	53
Ivana Maria França de Negri – <i>A arte de complicar / Chorai, humanos!</i> .....	57

João Umberto Nassif – <i>Prudente José de Moraes Barros</i> .....	61
Leda Coletti – <i>Ilha da magia / Trovas com o tema Amizade</i> .....	79
Lino Vitti – <i>O Poeta</i> .....	83
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>Um fim de semana abençoado / “Anosognosia” e sua relação com o Alzheimer</i> .....	85
Marly Therezinha Germano Percin – <i>O tempo que somos</i> .....	89
Mônica Aguiar Corazza Stefani – <i>Mesmo com sol / E... O tempo</i> .....	91
Myria Machado Botelho – <i>A Páscoa da Vida</i> .....	95
Olívio Nazareno Alleoni – <i>Rememorações Existenciais</i> .....	99
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – <i>Rito de Passagem 1 / Rito de passagem 2 / Rito de passagem 3 / Queria, quero</i> .....	107
Sílvia Regina de Oliveira – <i>Liracibaba / Quintais, os nossos / Guzi / Terra Mundo Vida / A Casa da Treze</i> .....	115
Valdiza Maria Caprânico – <i>Onde andarás o amor?</i> .....	121
Waldemar Romano – <i>Momento inesquecível</i> .....	123
Walter Naime – <i>Parem o mundo que eu quero descer</i> .....	127
APL em ação – <i>Noticiário</i> .....	129

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA  
Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

## **Prenúncio de Primavera**

Quem não conhece a flor da cana  
que em mês de Agosto se esparrama  
por todo verde canavial?  
Um espetáculo bacana,  
um majestoso panorama  
que nem parece ser real!

O vento típico de Agosto,  
que às vezes mostra-se enfadonho  
leva pra longe o inverno hostil.  
O sol mais quente e mais disposto,  
é mais bonito – assim suponho –  
que o mesmo sol do mês de Abril.

Os ipês, com muito bom gosto  
se vestem de vivo amarelo  
florindo jardins, matagais...  
A lua cheia em céu de Agosto,  
tem um fulgor muito mais belo:  
bem mais luzente que as demais!

Abre-se a paina na paineira...  
Seus cachos brancos como a neve,  
parecem ninhos de algodão;  
a brisa cálida e fagueira,  
com seu sussurro calmo e leve,  
vai derrubando-os ao chão.

O cheiro ingrato do restilo,  
me diz que a safra canavieira  
está mais perto de seu fim.  
Me diz também, quase em sigilo,  
que a Primavera alvissareira  
está por perto!... Até que enfim!!!

## **Fases da Vida**

Vive a criança à mercê de seus sonhos  
cristalinos como as nuvens dos céus,  
que desenham guloseimas, brinquedos,  
mas que nunca serão seus!

Vive o jovem à mercê de incertezas  
obscuras – águas turvas de um rio.  
Só verá que suas águas eram doces,  
ao chegar no mar sombrio!

Vive o velho à mercê de mil lembranças,  
sonhos rotos de infância e juventude...  
Suas nuvens? Choveram! Rios? Secaram...  
Mas seu pranto brota amiúde.

Presentindo bem próxima a velhice  
também eu, por entre sonhos dispersos,  
vou driblando o viver – como poeta –  
à mercê desses meus versos!

## Protesto à Italiana

(Ouvindo a música “*Và Pensiero*” de Giuseppe Verdi)

*Ó mia pátria si bella e perduta,*  
tão perdida num mar de procelas,  
dirigida, sem leme nem velas,  
por corruptos de parva conduta!

*L'aire dolci del suolo natal...*  
Que saudade das auras suaves,  
da abundância das matas... das aves...  
Ó lembrança tão cara e fatal!

*Ó ti spiri Il Signore un concerto*  
com orquestra e coral, num lamento,  
consolando tua Ecologia!

*Ó mia pátria, si bella e perduta!*  
Não te deixes vencer! Vai à luta...  
e resgata do VERDE a poesia!

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO  
Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

## Abstração I

O vento sopra,  
é quase um sussurro.  
Fina chuva começa cair!...

Na medida que indaga  
o Firmamento, o vento  
parece ouvir-lhe e, sua  
força aumenta, assim  
como o turbilhão que  
açoita seu cérebro.

De repente, nuvens  
em pranto, como  
todos os mortais,  
começam banhar a terra.

## **Abstração II**

Naquela esquina,  
onde sempre faz “ponto”!

Sentada, absorta,  
não percebeu mais  
o tempo.  
Ele passou, assim  
como o vento, a chuva  
e os relâmpagos.

Todos se foram,  
só ela ficou!

O tempo passou,  
na rua as luzes  
se apagam, já é dia,  
outro dia, mais um  
dia, pra começar,  
tudo outra vez!...

## Conflito

Por entre falsos sorrisos,  
depois de tantas incertezas,  
sobressai a certeza:  
de que, quando a poeira das  
batalhas se assentar,  
vida nova iremos recomeçar.

Teremos então, conseguido  
nossa grande vitória.  
A mais importante de todas,  
em toda nossa história,  
e,...

Um novo horizonte,  
descortinar-se-à nossa frente.  
Entre outras pessoas,  
e caminhos diferentes,  
seguiremos os nossos destinos,  
até...

De tudo...  
Uma bela amizade, talvez ficará:  
vamos regá-la, como delicada flor,  
senão ela também,  
fenecerá!...

## Premonitório

O tempo passa:  
corpo cansado, enfraquecido,  
alma amargurada, semblante abatido.  
Hora do adeus?...

Olhos marejados lágrimas,  
um abraço apertado.  
Dois rostos colados,  
não é preciso dizer nada!...

O tempo está passando,  
sabe que nada é...  
Vive capengando,  
carregando o que não dá,  
caindo com o que há.

Suas forças a se esvaírem,  
e, num rascunho suas memórias registrar.  
O pior disto tudo é,  
a sensação do esperar!...

E quando tudo terminar?  
Quem mais sofrerá?  
Talvez, lágrimas sejam poucas,  
pra lavar saudade louca.

Que no peito,  
permanecerá!...

## O velho Piracicaba

Piracicaba, o rio e o salto, sempre foram reflexos um do outro. No passado, a pesca era boa, a terra fértil propiciava uma mata ciliar com muitas árvores frutíferas, e frondosas madeiras nobres; dentre elas, o tamboril ou orelha de macaco cujos troncos eram ideais para construções de barcos; um dos motivos a atrair um punhado de desbravadores liderados por Antonio Correa Barbosa (construtor de barcos), a se fixarem aqui e transformarem a terra, com a força bruta de ferramentas rudimentares para nossos dias, e que suas mãos conseguiam suportar, ao que é hoje, a nossa Piracicaba.

Exploradores e bandeirantes usavam o rio como caminho natural para expandir o interior do estado, até os sertões das Minas Gerais; dentre esses intrépidos aventureiros destacam-se também algumas incursões militares para a "Guerra do Paraguai".

Podemos dizer que Piracicaba nasceu do próprio rio e que o comércio ribeirinho, ainda hoje dele depende.

Este rio de água cristalina e caudaloso, até o seu desvio para o Sistema Cantareira, tinha uma piracema farta, com peixes das mais variadas espécies, tentando transpor o salto e o "Véu da Noiva", fazendo parecer brocados a enfeita-los.

Piscoso tanto quanto muitos rios do Pantanal e, talvez com mais espécies que eles, hoje não mais existe: da noiva só sobrou a cidade; o véu desapareceu, o bosque da Casa do Povoador, com seu regato murmurante que descia do "Palacete Boyes", o frescor das sombras de frondosas árvores que propiciavam aos que sob ela caminhavam, o prazer de uma paisagem bucólica, capaz de agradar até mesmo os mais aficionados pelos grandes centros, e ou orlas marítimas, verdadeira terapia para o espírito; foram engolidos pelo negrume do asfalto.

Mas o velho e ressequido rio continua sendo o eterno "noivo". Leuquêmico e miasmático, mas mui amado pelos piracicabanos; continua despertando paixões e inspirações nos poetas e pintores; pois como diz um velho ditado: "Quando o raciocínio chega ao limite, os poetas escrevem, os músicos compõem e os artistas plásticos pintam".

Neste bravo esqueleto, exalando forte odor, carregando toneladas de esgotos, lixos industriais e garrafas pets, algumas espécies continuam resistindo, para alegria e lazer dos que se atrevem a experimentar seus anzóis dos barrancos, lançando-os nas águas escuras e poluídas, em busca de pequenos peixes, competindo com garças e patos biguás.

Para quem curte pescarias, o Piracicaba foi sem dúvida, um dos mais piscosos do Estado, até duas décadas atrás.

A pesca hoje não é mais uma atividade econômica como foi no passado; muito embora alguns profissionais ainda dela sobrevivam ou fazem-na um complemento salarial, pescando em regiões à sua jusante, mais afastadas da cidade, onde a qualidade da água é melhor devido à decantação natural e proximidades com a represa a qual lhe propicia um maior volume d'água.

Nestas regiões é possível encontrar ainda: mandis, lambaris, cascudos, caborjas, corimbatás, tilápias, saguirus e vez ou outra alguns dourados e pacus, os quais com o aumento da vazão do período úmido coincidindo com a piracema, chegam até o salto para a desova; em suas margens, a fauna ainda é pródiga em capivaras, pácas, ratões do banhado entre outras espécies. Além de diversas espécies de aves nativas, graças a alguns bolsões de matas remanescentes.

É a mãe natureza interagindo, à irresponsabilidade e incompetência de nossos políticos e governantes, pela falta de saneamento básico e eficaz; muito embora a maioria da população também não colabore: são pessoas opostas

às laboriosas abelhas, que acordam cedo preocupadas em construir, produzir, e, estas para destruir; permitindo ou soltando toneladas de resíduos citados, provocando a mortandade de milhares de peixes que sobem suas corredeiras para a desova, e, transformando a água, seiva da vida, imprópria para consumo.

Mas! Com o despertar para a necessidade de uma conscientização de preservação ecológica rápida, e, a natureza sábia e dinâmica agindo; num futuro não muito distante, recuperaremos o nosso **Piracicaba** em toda sua extensão.

Plagiando Da Costa e Silva (Pandora pg.83):

*Saudade! És a ressonância/ do "Piracicaba"  
e das pescarias/ que embalando nossa infân-  
cia/ nos segue por toda vida...*



---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI  
Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion

## Clima de Saudade

Poços de Caldas, vibração.  
Pedra Balão, passado, paixão.  
Adormecida...  
Fotografada a compartilhar!

Inebriada e gravada recordação,  
Marcas ocultas sentidas,  
Pensamento mescla-se à emoção  
Da envolvente “Lua de Mel.”

Sonho realizado, íntimo ardente.  
Registra saudade do ontem.  
Tempo de outrora inda presente,  
Lembram conquistas, percalços.

Gestos amorosos vividos  
Embasam às gerações,  
Com forte transparência e hereditariedade  
Alegram corações.

## **Climatologia**

“O ser é um elemento  
calorífico, ele próprio produz calor”

Com a temperatura elevadíssima pode-se afirmar que a terra está em transe. A alteração do clima desse verão, ano dois mil e catorze foi excessiva sufocante atingindo na escala Richter, mais de trinta e cinco graus em grande parte do país. Os climatologistas seguramente orienta sobre os diferentes climas e suas características enquanto os médicos dermatologistas orientam-nos quanto aos cuidados com a proteção corporal. Evitar a ação dos raios ultravioletas emitidos pelo sol, os quais provocam desde irritações, inflamações, descamações da pele, podendo até aparecer o câncer. Alertam também os médicos e nutricionistas quanto às alterações necessárias do cardápio diário para que utilizemos comidas leves sem teor calórico e ingestão de muito líquido em especial água e sucos naturais. Paralelo ao calor excessivo, outra ocorrência em nosso dia a dia, são os gases poluentes emitidos pelas megas indústrias nacionais e multinacionais. Existe legislação específica para proteção do meio ambiente, mas nem sempre tem sido respeitada. Algumas indústrias optam por grandes produções em que geram lucros altíssimos, e num constante esquecem-se da natureza e conseqüente meio ambiente. O ecossistema pede socorro... A falta de fiscalização dos órgãos competentes faz com que as indústrias provoquem a emissão de ozônio, gás ligeiramente azulado, o qual gera o efeito estufa, onde se localizam-se os chamados Buracos Negros. Essa situação – “temperatura elevada” – tem a participação também dos gases tóxicos resultantes das queimadas descontroladas e a diminuição da fotossíntese advinda das incontroláveis desmatamentos. Todo esse processo, mais a ação solar, tem como resultante um calor sufocante, prejudicial à saúde e destruição passiva e progressiva da natureza. Há longas datas profissionais da área ambientalista, que utilizam sinal vermelho...

cuidado... cuidado... tanto o Brasil quanto outras consideradas potências têm em seu poder, tecnologia de ponta e dinheiro para sanar essa situação caótica. Existe um provérbio que afirma “A união faz a força”, portanto é preciso que cada indivíduo pressione seu governo para reverter esse quadro, ou melhor, acima das expectativas altamente lucrativas, cuidar do planeta terra é prioritário.

## Chá Cultural

Fazia algum tempo que aquela senhora deixara para trás o casarão estilo neoclássico, no qual se encontrava uma valiosa biblioteca. Porém numa tarde fria, ambiente aconchegante, saboreando o chá estilo britânico, decidiu retirar alguns livros de autores consagrados. Tudo para dar um toque especial, cultural naquele exato momento.

Autores selecionados: José de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo, Castro Alves, José Marti, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Paulo Coelho, Sérgio Faraco, Fernando Pessoa, Eça de Queirós e outros. Tomou a decisão e propôs com critério classificá-los para leituras futuras, enquanto que para aquela tarde começou com o livro de Fernando Pessoa. Abriu aleatoriamente, saboreando um poema como a abelha faz ao sugar o néctar.

Saborear obras é como sentir a brisa bater em seu rosto na orla da praia, sentir o impressionante reflexo das luzes acesas a enfocar os cristais é lindíssimo!...

A leitura floresce quando as palavras fluem, brotam livres e soltas e despertando emoções adormecidas. Tudo acontece livremente, sem coerção, sem aparatos das arestas e nem ventos contrários que perturbem a pureza das sensações humanas.

Terminada a leitura, analisou alguns trechos, releu a biografia do escritor, situou-se no contexto poético às vezes mágico.

Bateu forte em seu ego e analisou a diferença entre ela e o outro, o limite da individualidade, o direito de ir e vir, a liberdade de expressão, respeito mútuo, sentimento de religiosidade, as diferentes aptidões.

Não é necessário anexar ao viver limites e lapidações com qualquer tipo de instrumento para que o indivíduo tenha adequada formação. É interessante analisar e perceber como os pássaros alegremente, soltos, livres, adentrando o espaço. Todos os animais obedecem e interagem com o ecossistema numa relação harmoniosa.

A água do reino mineral também assume a própria natureza, corre em seu leito, umedece as terras que o margeiam, abriga os peixes, mata a sede dos animais. Obedece com rigor às leis da natureza.

Esse trinômio, ser humano, animais e água tem cada qual sua finalidade e ações inerentes para exercê-las. O ser pensante para assumir sua trajetória afronta-se com as mais divergentes ações, porém estando ele preparado assumindo sua escala de valores, está com seus parâmetros bem definidos para o bem viver. É necessário constantemente estar atento e se preciso for fechar as aberturas das interferências como imposições, lapidações, opressões que batem em desencontro com seu ideal e filosofia de vida.

Lembrar-se da liberdade que age como um farol na postura humana. O farol além de indicar a direção de algo, ilumina o cérebro mexendo com a sensibilidade.

A partir daí, continuaram a tomar o chá.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA  
CAPELETI**

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

## **Teste seu Português de Rua**

Hei, você! Que tal fazer um teste pra saber a quantas anda seu português de rua? Sim, português brasileiro de rua, aquela língua cheia de gíngua e malandragem, que ninguém ensina, mas todo mundo aprende.

Vamos começar pela interpretação de texto. Leia, com carinho, a seguinte pérola barroca da literatura internética:

“Fulano era um trambiqueiro de pai, mãe e parteira. Mesmo com aquela cara de cruz credo, levava todo mundo no bico, dava rasteira em cobra. Passou a perna em meio mundo até ganhar na loteria e não precisar mais vender o almoço pra comprar a janta. Gastou a torto e a direito com amores e automóveis. Investiu em muita festa, várias multas e fianças. Sobraram alguns zilhões para comprar boa fama. Doou zilhares de dólares a obras de caridade. Morreu no oitavo divórcio, como o santo do pau oco mais querido da cidade.”

**1 – “Fulano” é:**

- a) um herói sem nenhum caráter;
- b) um pobretão porque, se fosse rico, seria “Dr. Fulano”;
- c) alguém cujo nome não vem ao caso;
- d) primo de Beltrano e Sicrano;
- e) um filho de chocadeira porque não tem nem o sobrenome “de Tal”.

**2 – Em termos financeiros...**

- a) zilhões valem mais que zilhares;
- b) zilhares valem mais que zilhões;

- c) zilhavos equivalem a centavos;
- d) bom mesmo é ganhar em zilheuros;
- e) a cotação do zilhão varia de acordo com quem o imagina.

### **3 - Sobre a história, é correto afirmar que:**

- a) a parteira contribuiu geneticamente com a personalidade do personagem principal;
- b) o personagem principal era um susto de tão feio;
- c) o personagem principal passou anos na cadeia;
- d) nem sei quem era o personagem principal;
- e) não se trata de uma fábula porque a cobra levou rasteira sem falar nada.

### **4 - Quem vende o almoço pra comprar a janta...**

- a) é um sujeito inculto porque o correto seria vender o jantar;
- b) troca seis por meia dúzia;
- c) precisa tomar um café da manhã reforçado;
- d) merece ganhar na loteria;
- e) vive esbelto para sempre.

### **5 - O que é um santo do pau oco?**

- a) Uma estátua;
- b) um canalha que se faz de inocente;
- c) uma forma de contrabandear ouro e diamantes;
- d) um hipócrita;
- e) uma escultura sacra com recheio profano.

A correção da prova fica por sua conta. Abuse da generosidade na nota. Qualquer dúvida, é só me perguntar que respondo por e-mail.

Até a próxima crônica (mais tradicional, se Deus quiser)!

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAES JÚNIOR**  
Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

## **A falsa ciência**

Um país se constrói com homens e livros, dizia um pensador, mas depende dos homens e depende dos livros. O que vemos é uma escola que não reprova em empurra o aluno, que sai sem saber o mínimo. Ler então... Nem pensar! Muita gente tem dificuldade de entender o que está lendo e isto é lamentável. Depois vem o ENEM, os sistema de cotas, e lá está o nosso analfabeto funcional nas Universidades da vida. Verdadeiramente, a geração que gerirá esta nação nas próximas décadas tem uma grande responsabilidade: colocar outra vez o país no nível intelectual de competitividade com as grandes nações do planeta. Mas sem saber as quatro operações? Sem conseguir entender o que lê? É assim que a juventude que aí está vai elevar o nível de ensino do país. As décadas passam e os governantes só estão interessados em quantidade e não em qualidade. Mesmo que muitos de nossos alunos de escolas particulares tenham recebido medalhas em olimpíadas de Português, Ciências e Matemática e nas Olimpíadas Universitárias, no Brasil e no exterior, mostrando o que o país poderia realizar se não tivesse um sistema de ensino somente preocupado em colocar o país quantitativamente à frente. E com isso a mediocridade brasileira aumenta em proporções geométricas. E ela se espalha por todas as áreas. E quando isso ocorre, acontece o mesmo que acontece com a Ciência. Poucos têm acesso à verdadeira Ciência, porque ela, infelizmente é pouco divulgada, ou muito cara para ser consumida. Mesmo que nos últimos anos haja uma divulgação maior com a Internet, o normal é que todos tenham acesso à pseudociência, que

medra como peste na Internet e até se tornou preocupação preponderante de seitas religiosas, na forma de quiromancia, horóscopo, mapa astral, medicina alternativa, cura por pirâmides, ervas medicinais, isso sem dizer das aberrações que se publicam analisando grandes falsos cientistas como Nostradamus, Alan Kardec e quetais. Mas, apesar de milhares de pessoas lerem artigos na Internet e nos jornais a respeito da Ciência, muito do que lêem não é compreendido, porque a Ciência exata tem uma forma particular de ser escrita, que às vezes, foge da sabedoria popular. Milhares de pessoas conhecem Albert Einstein e a teoria da relatividade, porém, mais por causa de filmes de ficção que falam a respeito, do que pela Ciência em si. Mas não é preciso filmes para que todas as pessoas façam regimes absurdos e perigosos, por exemplo, e acreditem nas maiores barbaridades inventadas pela falsa Ciência. E as mídias ajudam na desinformação, apresentando a falsa ciência como verdadeira e misturando a verdadeira ciência com credices e misticismo. E verdade. A Ciência é mostrada nas mídias, em pílulas e aplicada ao comum, o que não pressupõe algo mais do que a sua utilidade ou importância prática. Mas o que deveria ser feito, antes de mais nada, era a desmitificação e a desmistificação da Ciência. Os mídias esclarecem, mas o tempo é sempre muito curto, e o povo acaba entendendo menos do que deveria sobre as barbaridades, que são pregadas em nome de cientistas e outras aberrações. Médicos, cientistas e pesquisadores procuram prestar um serviço de informação e reeducação do povo alienado por tantas ciências paralelas inventadas por religiões alienantes para desestabilizar a sociedade e para subverter a ordem e os costumes. Mas esse é um trabalho árduo, que vai demorar ainda algumas gerações.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA  
FERNANDEZ PILOTTO

Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

**“Genius loci”  
(o espírito do lugar)**

A cidade e você em simbiose  
se descobrindo lentamente  
intrinsecamente afetuosas

Nos passos pelas calçadas domingueiras  
Em ruas matinalmente vazias  
Sinos festivos das carmelitas  
Colorindo o casario do entorno

Seguindo a geografia – o rio  
Como organismo vivo  
Tão sentido pela seca  
Mas intenso de passados  
Como minha alma chuleada de fatos  
Somos assim mesmo singulares

Apegada a Piracicaba  
Eu desvairadamente intensa  
Em sintonia com a cidade que acolhi  
Tão provinciana e tão urbana  
Confusa e feliz em meio ao concreto!

## **Descompasso**

Teus olhos não vertem lágrimas  
Opacos cortaram horizontes  
Limitados pelos anteparos que definiram rotinas  
Para as quais não cabem mais o meus compridos sonhos

E na secura dos teus ideais  
Minha longínqua vontade de vida  
Tornou-se prisioneira cativa  
Pelos laços definidos como convívio

À noite, quando o sono te envolve  
Me liberto do grilhão voluntário  
E bailo num compasso libertário  
Melodias reservadas de um coração contido!

---

*Walking Dead* –  
de um novo conceito nas cidades

A semiótica da urbanidade  
Escorre de prédios cinza  
Em concreto e ferragens expostas  
Como espectro de carcaças arquitetônicas

Carne e sangue não cabem nas ruas  
Exilaram-se em pequenos flats  
Onde vozes forçosamente aquietadas  
Esquecem de produzir os seus vocábulos

Olhos vítreos da dislexia contemporânea  
Fitam quinas dos quadrados empilhados  
Pasmos em outras tecnologias variadas  
Consumem qualquer idealismo ou sonho

Androides de um padrão linear previsível  
Compõem-se em conglomerados estereotipados  
Dos que não se desviam da atividade fim  
Que direciona o humano a sua cova rasa!



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA  
DE NEGRI**

Cadeira n° 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

## **O professor**

Às seis horas da manhã, o velho professor levantava, comia o pão com manteiga e café com leite, tomava seu banho com sabonete Phebo, fazia a barba com o aparelho Gillette, com aquelas lâminas que cortavam dos dois lados, vestia o terno surrado e ia à pé em direção a escola.

Em seu rastro deixava um cheiro antigo de água velva.

Sentava sozinho na sala dos professores, a mente mergulhada no passado, e assim ficava, pensando em tempos antigos.

Quantos garotos passaram por suas mãos, hoje cidadãos formados, médicos, advogados, prefeitos e até deputados, que ajudara a formar na escola pública.

Agora, ali, sentado só pensava nos atuais garotos, futuros cidadãos.

Seus olhos marejaram quando lembrou que dali a alguns segundos, teria que trespassar o portal da classe e enfrentar aquela turba semi ensandecida.

Lembrou-se do soco no rosto que recebera de um aluno, e apesar de ir em delegacia de polícia, este dissera ter sido sem querer e nem sequer pagou os óculos que ficaram moídos.

Pior era ter que enfrentar o seu olhar nos corredores, apesar de terem colocado o adolescente em outra classe.

Sentia-se um derrotado, pois nunca mais, há muitos anos, conseguira ter um atual aluno seu em faculdade ou profissão de renome.

Percebia suas sementes semeadas nas pedras.

Mas, sua aposentadoria estava próxima, iria enfim, livrar-se de tudo isso.

A saudade apertava mais o coração, quando recordava tempos em que lia nos jornais os resultados dos vestibulares exibindo nomes de vários seus ex-alunos. Hoje, não vê nas listas nenhum nome de seus alunos.

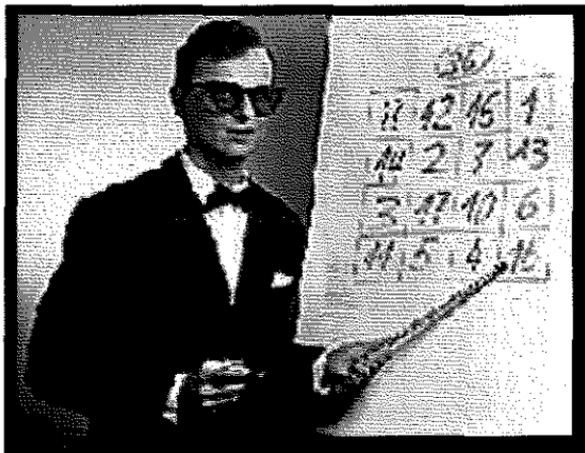
Seu coração foi sendo apertado, apertado, até que o enfarte aliviou-lhe tal desgosto.

Quando abriu os olhos, estes se encheram de lágrimas, ao deparar com a face sorridente do famoso cirurgião que o havia operado, exclamando:

– Meu professor está de volta!

Era o mesmo semblante do menino de treze anos, que um dia fora engraxate na praça da matriz, e seu antigo aluno.

Sorriu feliz. A vida valera a pena.



## A silhueta de Hiroshima

O céu amanhecera limpo, sem nenhuma nuvem. Atrás da montanha, o sol nascente estampava no firmamento o símbolo nipônico. Nem parecia que estávamos em guerra aqui em Hiroshima.

As incessantes sirenes, que anunciavam os bombardeios americanos, há dias não soavam.

Eu estava no pátio da escola com a vassoura nas mãos, varrendo-o das folhas mortas, pois era o servente.

A hora do recreio findara há instantes e todos estavam de volta às salas de aulas.

De repente, uma rajada de energia que parecia vinda do portal do inferno recém-aberto, me estatelou na parede caiada do espesso muro de entrada. Minha consciência se apagou e nada mais percebi.

Dias depois, recobrei a consciência e me vi andando sem rumo pelo jardim que agora mostrava somente árvores carbonizadas. Da escola, só restavam algumas paredes, o teto, assoalho, vidros, tudo havia evaporado.

Via corpos carbonizados e outros andando sofregamente, completamente nus, carnes queimadas, como que derretidas e escorrendo dos fêmures, tíbias e ulnas.

Muitos corpos a tremer pelo chão sendo devorados por bilhões de vermes dos ovos das moscas ali depositados. Disso só calculei que o inferno passara por ali há dias.

No entanto, eu não sentia nenhuma dor. Continuava saudável e belo, como sempre fora, como a flutuar entre as fumaças e o odor de carne podre, tentando ajudar os combalidos.

Imaginei então que deveria ser um ataque americano com uma nova arma, a do juízo final.

Mas eu, aqui tão bem, como é possível não ter sido atingido?

Não tinha tempo para pensar muito, pois precisava prestar socorro aos outros.

Os dias se passavam e eu não sentia fome, sono, só queria doar minha cota de ajuda aos semelhantes.

Após mais de três meses, sem sentir nenhuma necessidade, nem de beber água, comecei a achar estranha aquela situação.

Voltei à escola, e na parede caiada de branco, vi impressa uma silhueta negra com boné e vassoura na mão em tamanho natural.

Foi quando compreendi o que minha mãe dizia e eu, como jovem, ainda não acreditava:

– “A morte não existe, pois a alma é imortal”.

Meu corpo fora vaporizado e aquele contorno negro de minha silhueta, gravado na parede branca, era tudo o que dele restara.



---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA  
SILVEIRA**

Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

## **Até onde seremos culpados?**

As nuvens esparsas foram se agregando e formando figuras grotescas, ao sabor do vento que soprava, obedecendo às ordens climáticas. Quando todas se agruparam, desanuviam por inteiro, dardejavam raios e trovejavam e mandavam para a Terra chuvas torrenciais, que intimidavam a todos.

Nesse momento, o gado amedrontado corria pelo pasto em galope desabalado, à procura de abrigo. Mas ai deles! Se buscassem as árvores, seriam alcançados pelos raios e morreriam carbonizados. Mesmo assim, ali se abrigaram...

As águas caíam dos céus como castigo, levando pontes, inundando casas e matando quem encontrassem pela frente. Era mesmo uma calamidade! Depois da tormenta uma chuvinha miúda, fininha e mansa era despejada pelas nuvens e tudo se acalmou e ficou cheirando à terra molhada.

Antes, os homens haviam pedido aos céus que mandassem chuva, batendo latas e tambores, fazendo muito barulho para despertar os deuses da natureza. Foram atendidos e receberam a chuva. Agora suplicavam para que a ira dos deuses fosse aplacada e não mandassem mais chuva. Eles foram piedosos e não choveu mais.

A Terra foi ficando calcinada e gretando rapidamente, a ponto de nada mais crescer entre as rugas daquele solo ressequido. Assim, um céu limpo e sem nuvens foi tornando a terra inóspita. Sedentos, os animais morriam aos milhares, deixando as carcaças à mostra na terra árida. Jamais tinha acontecido um período de seca parecido. Sem água, sem ár-

vores nem a caatinga resistiu. O mar transformou em deserto, os rios pareciam estradas ladeadas de gargantas e grotões, tudo que havia neles desaparecera. Sem animais, sem plantas nem esperança, os homens não conseguiam entender porque aconteciam aquelas alterações que rapidamente iam transformando tudo num deserto.

Muitas hipóteses foram levantadas e algumas chegaram a concluir que tudo ocorrera, porque chegou um tempo em que nada satisfazia o ser humano, porque ele tinha pensamentos imediatistas, não tinha amor à sua terra e só queria usufruir dela, derrubando as árvores por causa da madeira, sem esperar que dessem frutos. Essa maneira de agir abalou todo o ecossistema terrestre, pois ninguém se lembrou daqueles que viriam depois. Comeram tudo e se entupiram sem deixar sobras para ninguém, nem para seus filhos.

Assim, os homens migravam de um lado para outro, sem saberem para onde ir, e somente encontrando uma forma cada vez mais profunda de um caos absoluto. Muitos sobreviventes, sentindo-se solitários, num lugar ermo, abandonados ao deus dará e sem esperança, buscavam a morte. Milhares de outros, movidos ainda por uma longínqua esperança, se reuniam, para orar. Dobravam os joelhos pedindo aos céus que mandassem novamente as chuvas, mas as nuvens estavam tão longe dali que não podiam ouvir aqueles lamentos, e o vento soprava levando-as para mais longe de onde ainda existisse água para que o seu vapor não as transformassem em nuvens de chuva. Vagarosamente, com o passar do tempo, as orações foram sendo substituídas pela competição, pela lei do mais forte, e os homens perceberam que sem brutalidade não conseguiriam sobreviver.

Todo potencial ao qual a humanidade tivera acesso e do qual sabia fazer uso, era obsoleto. Não havia mais água encaçada, nem modernidades. Luz, só a do sol causticante, porque não existia mais eletricidade. Como poderiam se comunicar na busca de outros sobreviventes se não dispunham de televisão, computador, carro, gasolina. Tudo o que tinham usufruí-

do um dia, no momento, era virtual e sem a base científica que possibilitaria fazer uso dessas facilidades. Era complicado fazer contas sem uma calculadora, saber as horas sem relógio. Enquanto os sobreviventes perdiam a noção do tempo, contavam os momentos da vida pela passagem dos dias e das noites.

Estavam a zero e teriam de começar um mundo novo, muito diferente, sem a infraestrutura que conheceram advindas do progresso, do desenvolvimento e da tecnologia. Sentiam-se como astronautas abandonados num mundo ermo sem esperança de socorro ou de resgate. Era como se tivessem retornado à Idade da Pedra.

Se aparecesse um animal teriam que se defender dele da mesma maneira que seus ancestrais, da mesma forma fariam se precisassem caçá-lo para se alimentar.

\*\*\*\*

Então ele percebeu que nada havia aprendido para essa nova realidade... Nesse novo mundo seria um inútil. Não teria competência nem para sobreviver! Nisso ele ouviu o som de um avião a jato que passava deixando seu rastro e num pulo saiu da sua cama coberta por um edredom e, aliviado, foi beber um grande copo de água gelada.



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS SALUM  
Cadeira n° 5 – Patrono: Leandro Guerrini

## Usos e Costumes Islâmicos

No segundo semestre de 2001, estive em Piracicaba, a convite da Pastoral da UNIMEP, o letrado e um dos líderes islâmicos no Brasil, dr. Jihad Hassan Hammadeh, que nos transmitiu uma sequência de conhecimentos sobre a vida cotidiana dos islâmicos, inclusive alguns tópicos sobre trajés típicos desse povo e que tentaremos reproduzir um pouco da sua fala associa a outras informações pesquisadas em livros e revistas que comentam o assunto, em que nos mostram que os turbantes e túnicas usados nos países árabes assemelham-se às vestes das tribos de beduínos, por volta do século VI. Trajes que os protegiam do calor escaldante e das noites frias do deserto.

Com a expansão do islamismo, um século depois, os vestuários e seus usos difundiram-se pela África e Ásia, gerando algumas regras mantidas até os dias de hoje, o que ganhou sustentação e respeitabilidade pela pregação religiosa, que não permitia aos fiéis mostrar em público, as partes íntimas – do umbigo ao joelho e, para as mulheres, o corpo, se as roupas fossem justas e transparentes, que só podiam ser vistas pelos cônjuges e familiares íntimos, dando um pouco de liberdade, no uso de suas vestes, dentro de suas casas. Ao homem recomendava-se o uso de barba e não usar objetos de ouro e de seda para se diferenciar ainda mais das mulheres.

Como em cada região existe uma variação no simbolismo das roupas árabes, daremos algumas explicações que possam ser entendidas e interpretadas pelos leitores, como *ICHARB*, *XADOR*, *BURCA* etc que passaremos a estetizá-los em seguida:

1) ICHARBE: Uso habitual da população nos países árabes. As mulheres trajam roupas semelhantes às túnicas dos homens e cobrem a cabeça com o *Icharb*, tipo de um lenço que deixa livre o rosto (também pode ser chamado de *maharmi*, *mahrma* ou *mandil*)

2) XADOR: Segundo o Alcorão, o seu uso é para que as mulheres “não chamem a atenção dos homens”. Esse mandamento é levado ao pé da letra em países como o Irã, Arábia Saudita e alguns países seguidores rigorosos do Alcorão.

3) BURCA: Também conhecida nos países árabes como *ijab*, ou “cobrimento”. Essa cobertura do corpo, varia entre os países árabes de cada região, como se pode registrar pela TV, no Afeganistão, o Taleban instituiu o seu uso como uma versão radical do *xador*, que cobre até os olhos. Hoje com a revolução política e governamental, abrandou-se esse rigor dando mais liberdade às mulheres.

4) CAFIA: Muito usado e popular no Oriente Médio. É um pano quadrado preso por uma tira denominada *egal* (conhecida também como *agal*, *igal* ou *agal* por baixo dela é usada uma touca que prende o cabelo. Sua origem remonta aos beduínos, que a utilizava como máscara para se protegerem contra o frio e tempestades de areia. No geral e conforme as cores usadas, indicam o país e a região onde a pessoa nasceu. A dos Palestinos, por exemplo, quadriculadas em preto e branco, indica esse país. Como a que usava Yasser Arafat.

5) ABAIA: Capa de lã que, habitualmente, os beduínos a carregavam em volta do corpo durante o dia e à noite a vestiam para se esquentar. Com ela também improvisavam uma cabana, com o auxílio do cajado que carregavam, para se proteger do sol.

6) TÚNICA: Vestido de manga comprida que cobre o corpo inteiro. Tornou-se, entre os usos e costumes dos árabes, uma das principais peça do seu vestuário. No geral a sua cor é branca ou clara, larga e folgada no corpo para fazer o ar circular e refrescar o corpo. Essa peça recebe, também, outras denominações, como *caftan*, *djellabia*.

7) CIRWAL: calça larga, usada por baixo da túnica, que dá liberdade aos homens de se movimentarem. Foi muito utilizada entre os soldados e camponeses desde o século VII. Relatos históricos pesquisados dizem que o *cirwal* deu origem a palavra “ceroula”.

8) TARBUSH: é um pequeno chapéu de feltro ou de pano, que às vezes é usado com um turbante e que foi muito utilizado durante o império Otomano pelas autoridades governamentais.

9) TURBANTE: Segundo os historiadores, o turbante era de uso anterior ao surgimento do islamismo. Peça exótica pelas suas características, pois consiste de uma longa tira de pano que pode medir até 45 metros de comprimento, cujo tecido é enrolado sobre a cabeça. Ele indica a posição social do usuário.

10) IHRAM: Os fiéis muçulmanos quando fazem suas peregrinações à Meca, ficam descalços e sem qualquer tipo de adorno, somente cobertos com duas toalhas brancas. Esse traje postural indica que o *ihram* retira do corpo todos os sinais de poder e riqueza, numa demonstração de que todos são iguais perante Deus.



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME**  
Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

## **Meu bom Anjo da Guarda**

Meu bom Anjo da Guarda,  
guardião da minha vida.  
Ampara quem te aguarda,  
no seio da Mãe bendita.

Acompanha-me na jornada,  
sob a proteção de Deus.  
Com andança na estrada,  
proteja os passos meus.

Anjo santo do Senhor,  
guarde-nos eternamente.  
Venha a nós o Salvador,  
com suas bênçãos. Amém!

## **Universo Feminino**

No recanto encantado,  
na beleza do amanhecer.  
O dia vem saudado,  
para quem começa viver.

No sorriso da moça linda,  
no encanto do seu caminhar,  
A paz é sempre bem-vinda,  
no seu gesto de amar.

Tudo é belo e fascinante,  
misterioso, puro e divino.  
Como um grande presente,  
nesse universo feminino.

## **Gota de Esperança**

Maria vai à frente,  
como um sonho divino.  
Sinto emocionalmente,  
um simples menino.

Passos iluminados,  
pela luz divina.  
Louvores alcançados,  
na prece matutina.

Gota de esperança,  
de Maria, nossa Mãe, vem.  
Tornamo-nos criança,  
em seu colo. Amém!

## **Navegantes**

Sou navegante,  
pescador da paz.  
Navego contente,  
alegria me satisfaz.

Na orla do amor,  
navegando eu vou.  
Levando o esplendor,  
de quem já triunfou.

Nas ondas da paixão,  
no vai e vem da vida.  
Transporto com emoção,  
navegando por ti querida.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ  
DE MELLO**

Cadeira n° 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil

### **A boa árvore**

- Veja esta árvore, filho, como é bela.  
Como se veste sem qualquer vaidade.  
Com toda a colossal simplicidade  
Como é sublime essa beleza dela.
- E como nos conforta o peito vê-la  
Dando frutos e sombra com bondade  
Ao caminheiro de qualquer idade  
E à passarada alegre e tagarela.
- Quem foi, meu pai, essa alma generosa  
Que cuidou desta planta, a mais formosa,  
Entre todas aquelas que já vi?
- Meu filho, foram mãos desconhecidas,  
Anônimas, por certo, redimidas.  
Talvez de um santo que parou aqui.

## Homenagens

Façam-se estátuas aos heróis da guerra,  
Aos soldados das trincheiras  
Ou das brigadas ligeiras  
Com espadas riscando o ar.

Elevem-se monumentos  
Aos gênios da humanidade,  
Aos santos da cristandade  
Ou de qualquer religião.

Escrevam-se odisséias  
Aos Ulisses das mil pátrias,  
Pois toda nação possui  
Seus heróis para cultivar.

Venerem os que quiserem,  
Até os mais podres dos homens  
Que rastejam pelo chão.

Mas, ai de vós se esquecerdes  
Dos que, no cabo da enxada  
Ou na rabiça do arado,  
Retiram da terra brava  
O pão que alimenta todos.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA**

Cadeira nº 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

## **Conhecendo as sete listas de “Sete”**

1. Os sete continentes: América do Sul, América do Norte, Europa, Ásia, África, Austrália e Antártida.

2. As sete cores do arco-íris: vaavaav (para guardar a sequência) – vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

3. As sete maravilhas do mundo antigo: estátua de Zeus (Grécia), templo de Ártemis (Turquia), jardins suspensos da Babilônia (Iraque), pirâmide de Gizé (Egito), mausoléu de Alicarnasso (Turquia), farol de Alexandria (Egito), colosso de Rodes (Grécia). A única que resta é a pirâmide de Gizé.

4. As sete maravilhas do mundo moderno: Grande Muralha (China), Petra (Jordânia), Cristo Redentor (Brasil), Chichén Itzá (México), Machu Pichu (Peru), Coliseu (Roma), Taj Mahal (Índia).

5. Os sete anões: Mestre, Feliz, Dunga, Soneca, Atchim, Dengoso e Zangado.

6. Os sete sábios da Grécia antiga Sólon, Petrarca, Quílon, Tales de Mileto, Cleóbulo, Bias e Periandro.

7. Os sete pecados capitais: gula, avareza, soberba, luxúria, preguiça, ira e inveja.

## Conhecendo mais sete listas de “Sete”

1. Sete dias da semana: domingo, segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado.

2. As sete notas musicais: do, ré, mi, fá, sol, lá, si.

3. Sete belas-artes: música, pintura, desenho, escultura, arquitetura, literatura e coreografia.

4. Os sete cargos eletivos nas eleições brasileiras: presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador.

5. As sete virtudes humanas: esperança, fortaleza, prudência, amor, justiça, fé e temperança.

6. Os sete sacramentos: batismo, crisma, eucaristia, sacerdócio, penitência, matrimônio e extrema-unção.

7. Os sete palmos das sepulturas.

## Conhecendo os sons da letra “X”

Na língua portuguesa a letra “X” assume vários sons, como por exemplos:

a) Som de z	b) Som de ch	c) Som de s	d) Som de çç
exame	abacaxi	auxílio	amplexo
exato	enxame	exceção	anexo
exibir	enxurrada	exclamação	axila
execução	mexerico	exploração	boxe
exemplo	lixo	exposição	flexão
exército	peixe	êxtase	maxilar
exílio	roxo	sexto	óxido
êxito	taxa	explicação	taxi
êxodo	xerife	texto	taxonomia
exoneração	xícara		

## Conhecendo palavras comuns a vários idiomas

Existem muitas palavras de grafia extremamente semelhante e, às vezes, até idênticas em vários idiomas. Vejamos alguns exemplos (desconsidere os acentos).

- |             |           |              |           |
|-------------|-----------|--------------|-----------|
| 1. album    | 6. jockey | 11. radar    | 16. virus |
| 2. diesel   | 7. karatê | 12. rádio    | 17. yoga  |
| 3. gangster | 8. laser  | 13. revolver |           |
| 4. hotel    | 9. máfia  | 14. sauna    |           |
| 5. jazz     | 10. motel | 15. taxi     |           |

## Conhecendo alguns epônimos – I

Epônimos são palavras que usamos frequentemente e que foram inspiradas em gente de verdade. Seguem-se alguns exemplos:

1. **abreugrafia** – método para diagnosticar doenças inventado pelo médico paulista Manuel Dias de Abreu.
2. **aurélio** – virou nome de dicionário, por causa do Dicionário Aurélio, de autoria de Aurélio Buarque de Holanda.
3. **balzaquiana** – designação atribuída às mulheres na faixa dos 30 anos, baseada na personagem do romance “A mulher de 30 anos” do escritor francês Honoré de Balzac.
4. **benjamin** – nome dado a uma tomada elétrica inventada pelo norteamericano Benjamin Franklin.
5. **brigadeiro** – doce criado no Brasil, cujo nome foi uma homenagem ao brigadeiro Eduardo Gomes.
6. **casanova** – nome dado aos conquistadores amorosos, originário do aventureiro italiano Giovanni Casanova.

7. **daltônico** – nome dado às pessoas com problemas para distinguir cores, fenômeno de que era portador o inglês John Dalton.
8. **gilete** – nome dado à lâmina de barbear, inventada pelo norteamericano King Camp Gillette.
9. **homérico** – adjetivo usado para designar algo grandioso ou fantástico, devido ao estilo do poeta grego Homero, autor dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia*.
10. **jumbo** – adjetivo significando enorme ou muito grande, por analogia com um enorme elefante africano de 6,2 toneladas, chamado Jumbo, em exibição no zoológico de Londres

## Conhecendo os epônimos – II

Já vimos que epônimos são palavras inspiradas em gente de verdade. Vejamos mais alguns exemplos:

1. **Mal de Parkinson** – doença de paralisia agitante, descrita pela primeira vez pelo médico inglês James Parkinson.
2. **Mecenas** – nome dado a quem patrocina eventos culturais, em homenagem ao conselheiro romano Caius Mecenas.
3. **Nicotina** – nome que vem do francês Jean Nicot, que trouxe as primeiras muda de tabaco para a rainha da França, para curar sua enxaqueca.
4. **Pasteurização** – nome do processo criado por Louis Pasteur para eliminar germes dos alimentos.
5. **Platônico** – nome dado ao amor espiritual, descrito pelo filósofo grego Platão, na sua obra *Simpósia*.
6. **Sanduíche** – nome de um tipo de lanche inventado pelo lorde de Sandwish.

7. **Winchester** – nome de uma carabina inventada pelo norte-americano Oliver Fisher Winchester.
8. **Quixote** – pessoa ingênua, que luta contra as injustiças sem conseguir sucesso. A palavra baseia-se no personagem Dom Quixote de la Mancha, do escritor espanhol Miguel de Cervantes.

### Conhecendo alguns anagramas

Anagrama é quando se embaralham as letras de uma palavra e com elas se forma outra palavra. Vejamos alguns exemplos:

- |                       |  |
|-----------------------|--|
| 1. Alice.....Célia    | 11.nado.....onda ..... dona                        |
| 2. América .Iracema   | 12. namoro.....romano                              |
| 3. bolo .....lobo     | 13. ostra.....astro                                |
| 4. Caterina .Natércia | 14. padre .....pedra                               |
| 5. claro .....coral   | 15. Pedro .....poder..... podre                    |
| 6. Isabel .....Belisa | 16. perito.....repito                              |
| 7. late .....tela     | 17. Roma .....amor..... ramo                       |
| 8. lavar .....larva   | 18. senador.....desonra                            |
| 9. Marcela..Carmela   | 19. Soares Guimar.....PSEUDÔNIMO DE Guimarães Rosa |
| 10. matar....rama     | 20. valente.....levante                            |

### Conhecendo alguns topônimos

Dá-se a denominação de topônimo à palavra derivada do nome de um lugar. Exemplos:

- | PALAVRA                 | LOCAL DE ORIGEM    |
|-------------------------|--------------------|
| 1. água-de-colônia..... | Colônia (Alemanha) |
| 2. alpinista .....      | Alpes (Suíça)      |
| 3. à milanesa .....     | Milão (Itália)     |

4. bauru (sanduiche)..... Bauru (São Paulo)
5. bermuda..... Bermudas (Caribe)
6. biquini ..... Ilhas Bikini (Pacífico)
7. champanhe ..... Champagne (França)
8. chantilly..... Chantilly (França)
9. charleston (dança)..... Chaleston (Carolina do Norte)
10. hamburger ..... Hamburgo (Alemanha)
11. havana (charuto)..... Havana (Cuba)
12. gaze (curativo)..... Gaza (Palestina)
13. lésbica ..... Ilha de Lesbos (Grécia)
14. mongolismo..... Mongólia (Ásia)
15. pastor alemão (cão)..... Alemanha
16. siameses ..... Sião (atual Tailândia)
17. vaca holandesa ..... Holanda
18. xerez (vinho) ..... Jerez (Espanha)

### Conhecendo os significados de nomes próprios

#### NOME .....SIGNIFICADO

1. Amélia.....trabalhadora
2. Ana .....cheia de graça
3. André .....forte, viril
4. Beatriz.....beata
5. Camila .....que serve aos sacerdotes
6. Cássio .....distinto, ilustre
7. Clara .....brilhante, luminosa
8. Dalva .....estrela matutina
9. Eduardo ....próspero
10. Fernanda ..ousada, corajosa
11. Geraldo.....o que governa com lança

#### NOME.....SIGNIFICADO

12. Graziela ...graciosa
13. Helena .....tocha, luz
14. Ivan .....forma russa de João
15. João .....Deus é gracioso
16. Luiz .....guerreiro
17. Marcelo ...pequeno martelo
18. Maria .....senhora, soberana
19. Mateus.....dom de Jeová
20. Maurício...moreno
21. Octávio ....oitavo filho
22. Ricardo ....rei poderoso

Verbetes do livro “Aprendendo com o Voinho III”

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM  
Cadeira no. 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

## **Do primeiro automóvel a gente nunca esquece**

Do primeiro automóvel a gente nunca se esquece. Ou melhor, falando por mim, não o esqueci. Eu, desde a infância, já era doido por carro. Não via o dia de poder tirar minha carteira de habilitação. Mas para isso era preciso ter 18 anos. Digam-se, de passagem, que dirigir era o de menos, pois desde os 16 anos, autorizado pelo meu pai, eu rodava com o carro dele pelas ruas da cidade e pelas estradas de terra, poeirentas e sem qualquer tipo de pavimentação, que ligavam Piracicaba às cidades vizinhas. O risco de ser pego numa “blitz” era muito pequeno. Isso somente ocorreu uma vez, em plena rua central de Piracicaba, quando faltavam uns 20 dias para eu completar a idade requerida, com vistas a me tornar motorista.

A verdade é que apresentei a papelada no Setor de Trânsito da Delegacia de Polícia, no dia seguinte ao do meu aniversário, e os exames teórico e prático foram marcados num curto prazo (as auto-escolas não existiam, a gente aprendia com parentes ou amigos) e, em menos de três semanas, eu recebi o sonhado documento, verdadeira alforria, que legalizava o que eu já praticava de longa data.

Os meus planos eram dos mais audaciosos, pois queria ter um veículo automotor, de minha propriedade. Sentia que isso levaria muito tempo, pois eu não tinha renda própria e meus pais não pensavam num segundo carro para a família. Enquanto isso, eu me contentava em ser o motorista do meu avô materno e da minha mãe, que não dirigiam, e que me requisitavam para as corridas ao mercado, lavadeira, etc. Tam-

bém nas viagens passei a dirigir, pois minha mãe dizia que meu pai não era bom chofer (vocábulo muito usado na época), pedindo que eu tomasse o lugar dele.

Mas sonhar não era proibido! Nesse meio de tempo, o pai de um amigo meu, que havia dado uma lambreta para seu filho menor, arrependeu-se de tê-lo feito, diante das peraltices que esse fazia, e tomou dele o veículo, que era novidade no mercado veicular. Decidiu, então, vendê-lo. Sabendo ele dos meus planos, ofereceu-me por um preço razoável e condições de pagamento facilitadas. Muito bonita, vermelha e toda equipada, o preço pedido era atraente, mas eu não tinha o dinheiro da entrada. Para as prestações mensais, por já estar trabalhando e ganhando um bom salário, eu podia assumi-las. Falei para minha mãe dos meus planos e perguntei a ela se não podia conseguir a quantia para a entrada. Como ela era contra o uso de motocicleta, veículo de duas rodas que julgava muito perigoso, colocou todos os obstáculos possíveis. Mas eu continuei insistindo, martelando a “ladainha” todos os dias, até ela (mãe é mãe!) decidiu dar-me um voto de confiança. Procurou a Caixa Econômica Estadual, onde, como professora estadual, tinha facilidades para contrair empréstimos a juros baixos, e fez o empréstimo para ajudar-me na transação. Até hoje me lembro-me da minha alegria, montado na lambreta, sem habilitação para tanto, circulando pela cidade, “matando de inveja” os amigos, os colegas, as meninas... Nesse tempo eu já fazia curso universitário em São Paulo. Levei a “máquina para lá” e, aí, sim, senti o perigo a que minha querida mãe referia. Rodar no trânsito insuportável da capital era uma aventura. Concluí que não era coisa para mim. Um amigo, que morava na mesma pensão em que eu residia, se interessou pela lambreta e eu a barganhei por uma motoneta, zero quilômetro, que eu trouxe para Piracicaba e em questão de dias vendi para o meu barbeiro e cabeleiro.

Topei o negócio, pois o que eu queria mesmo, era um automóvel. Comecei a procurá-lo. Tinha de ser usado, em bom estado, e com facilidade de pagamento. Naquele tem-

po não havia “estacionamento para compra e venda de carros usados”, nem consórcio, ou “leasing” e financiamento. A gente tinha de procurar particulares interessados na venda de seus automóveis. A informação era de boca-a-boca, pois também não era costume fazer anúncios nos jornais. Dei sorte. Soube por intermédio de um amigo que o sargento Viana, do Tiro de Guerra, estava querendo vender o seu Ford. Procurei-o e a negociação foi rápida. Dei uma entrada com o dinheiro da venda da motoneta e mais nove notas promissórias, que pude honrar sem dificuldade, pois havia conseguido passar no concurso para o Banco do Brasil, que pagava excelente salário. Isso ocorreu em janeiro de ..... Tornar-me proprietário de um carro em tão jovem idade, numa época em que poucos tinham um veículo dessa natureza, foi, sem dúvida, um dos fatos alegres e inesquecíveis de minha vida.

O carro era um Ford 1934 (mais velho do que eu), de duas portas, azul violeta, metálico, pneus de banda branca, cujo estepe ficava na parte traseira pelo lado externo, motor V-8, câmbio no chão (de três marchas mais a ré), já bastante rodado, porém muito bem cuidado. Podia levar quatro passageiros mais o motorista. Não tinha porta-malas. Atrás do banco traseiro havia um espaço, que se podia colocar algumas coisas, dentre essas, frequentemente, pá e enxada (para desencahar o possante), correntes para as rodas (usadas em dias de chuva), além de caixa de ferramentas e peças subseleantes (fusíveis, platinados, chavetas, lâmpadas, etc.) Ah! ia me esquecendo: era preciso levar, também, um cabo de vassoura, para introduzi-lo no tanque de combustível e dessa forma medir a quantidade de gasolina). O máximo de tecnologia embarcada!

O complicado era a manutenção. Era difícil fazer uma viagem sem algum problema. Ora, o radiador fervia, o acumulador arreaava, os pneus furavam, os platinados pifavam. O pneu rodava, no máximo, uns 30 mil quilômetros. Os freios não eram confiáveis (tinha um tal “burrinho” cuja borracha se rompia, o óleo vazava e o carro não parava). Havia também a quebra da ponta de eixo (algo perigoso) ou o desgaste

da chaveta (que cheguei trocar em plena Avenida Ipiranga, em São Paulo). A gente tinha de ter noções de mecânica para sofrer menos. E tem mais, chovia mais dentro do que fora. O limpador de parabrisa funcionava com sistema que usava o ar do motor, assim bastava uma subida mais íngreme e que exigia mais do motor para o limpador parar de funcionar.

Eu, morando em São Paulo, viajava nele, nos finais de semana, usando de sua velocidade máxima, cerca de 80 quilômetros por hora. Vendi-o, quando acabei de pagá-lo, para um colega do Banco do Brasil, na agência da Lapa, onde trabalhávamos. Dias depois da venda, ele sofreu um acidente, decorrente da quebra da ponta de eixo, que, por pouco, poderia ter sido muito grave.

Era tudo isso, mas o bom é que era meu! Sinto saudade dele. Uma grande realidade: do primeiro carro a gente nunca se esquece!

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE  
NEGRI**

Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

## **A arte de complicar**

Complicar é um dom inerente e exclusivo do ser humano. Temos uma capacidade incrível de dificultar tudo o que é originalmente simples.

Os ritos da natureza são sempre iguais, há milênios: nascer, crescer, procriar e morrer. Mas o homem se perde em elucubrações, inventa, reinventa, mexe, remexe e altera todos os ciclos. Depois, não sabe como proceder diante das consequências de seus atos.

Norteados pela simplicidade, os seres da natureza vivem livremente sem precisar da nossa burocracia insana. Prevalece a ordem natural e vigora a lei do mais forte. Os frágeis e defeituosos são reintegrados à mãe-natureza, isto é, não vingam. Mas ela vai aperfeiçoando as criaturas, dando-lhes defesas conforme a necessidade de cada espécie.

A alguns dá garras e presas, a outros, músculos e pernas fortes para correr, a outros ainda, dá asas, couraças ou escamas. Até as plantas e flores ganham suas defesas. Algumas possuem espinhos, outras exalam fortes odores com a finalidade de atrair insetos para polinização ou para repelir outros, que as destruiriam. E todos sobrevivem harmoniosamente, sem títulos de nobreza, condecorações, diplomas, atestados de saúde, certidões de nascimento, de casamento, de óbito, passaporte, talões de cheque, CIC, RG, carteira de trabalho, cartões de banco e mil outras complicações que vão surgindo a cada dia.

Para que precisamos de tudo isso? É de importância

vital? Alguém deixaria de existir se não houvesse essa papelada toda? Quanto tempo de nossas vidas passamos em filas, cartórios, no telefone, momentos que poderiam ser melhor utilizados em tarefas mais nobres. E o resultado disso tudo é o estresse constante, estados depressivos e a morosidade na coisa pública, já que tudo necessita de atestados, xerox, reconhecimento de firmas, autenticações etc. Tempo precioso desperdiçado, horas perdidas, dias, meses e até anos que se escoam inutilmente por causa de leis absurdas. Uma vez vi na tv um homem lutando na justiça para provar que estava vivo. Um homônimo havia falecido e ele não conseguia nem arranjar emprego porque tudo esbarrava no tal atestado de óbito do outro. Legalmente, ele estava morto.

Quando crianças, nas aulas de catecismo, líamos o Gênesis: “No princípio, Deus criou o céu e a terra. Depois fez a luz, as águas, o verde, os animais e o homem. E viu que tudo era bom...” Pena que nós não enxergamos mais a verdadeira essência das coisas e nos perdemos nessa selva de banalidades e obrigações.

Ao ser humano, espécime de corpo muito frágil, Deus concedeu o dom da inteligência para que criasse suas próprias defesas. Dotado de livre arbítrio, o homem banuiu a simplicidade da sua vida e foi se sofisticando cada vez mais. Mas, ao abolir a simplicidade inicial, criou verdadeiras armadilhas para si próprio.

Só que agora, não sabe como se safar delas...

## **Chorai, humanos!**

Pela seca no sertão  
Por todas vidas ceifadas  
Vítimas do descaso  
Da fome e da exclusão.

Chorai, humanos!

Pelas mulheres que lamentam  
O útero murcho e seco  
A vida que feneceu  
Antes mesmo de florescer

Chorai, humanos!

Pela terra estéril  
Pelas águas poluídas  
Pelo ar irrespirável  
Pelo planeta destruído.

Chorai, humanos!

Pelo animal abatido  
Pelo jardim não florido  
Por todas as injustiças  
Pela falta de compaixão

Chorai, humanos!

Pela paz não alcançada  
Pela vida desperdiçada  
Pelas guerras fratricidas  
Por tanto desamor ...



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF  
Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros

## Prudente José de Moraes Barros

Prudente José de Moraes Barros nasceu em 4 de Outubro de 1841, em Itu, filho do tropeiro José Marcelino de Barros e de Catarina Maria de Moraes. Último filho do casal, teve cinco irmãos: Frederico José, Fernando José, Joaquim José, Manuel e Cândida.

Seu pai fazia viagens para São Paulo, Sorocaba e Santos, entre outros lugares. Numa dessas viagens, enquanto passava pelo bairro dos Moinhos, na colina do Ipiranga, foi morto por seu escravo Sebastião, após tê-lo açoitado. Era o dia 23 de Dezembro de 1843, contando então Prudente com apenas dois anos de idade. O escravo Sebastião foi condenado à morte, sendo sua execução a última a ser efetuada na Capital de São Paulo.

O pai deixou para Prudente um pecúlio de seis contos de réis, quantia considerada razoável na época e que viria a ser utilizada para custear a mudança de Prudente para São Paulo, em Abril de 1857.

Sua mãe contraiu segundas núpcias com o major Caetano José Gomes Carneiro, em 17 de Junho de 1849. A família mudou-se para a cidade de Vila Nova da Constituição, cujo nome mudaria para Piracicaba por iniciativa do futuro Presidente da Câmara Municipal Prudente de Moraes.

Acredita-se que Prudente tenha estudado no Colégio Ituano, fundado em 1821 com o nome de Seminário Nossa Senhora do Bom Conselho. Seus biógrafos consideram esta hipótese a mais razoável, já que não havia outro estabelecimento de ensino destinado a menores do sexo masculino.

Seus estudos foram custeados pelo pecúlio herdado do

pai e por seu padrinho, o agricultor e comerciante Antônio José da Silva Gordo, radicado em Santos e que seria futuramente seu sogro. Em 1854 foi matriculado no colégio do professor Manuel Estanislau Delgado. O colégio fechou as portas em 1855, fato que despertou em Prudente o desejo de estudar na Capital da Província. Apesar da oposição de seu padraсто, Prudente mudou-se para São Paulo em 1857.

Estudou no colégio de João Carlos da Fonseca, preparando-se para ingressar na Academia de Direito. Prestou os exames no final de 1858, sendo admitido na faculdade.

De 1859 a 1863 fez seus estudos no Largo de São Francisco, tendo como colegas e contemporâneos, entre outros, Manuel Ferraz de Campos Salles, Teófilo Otoni, Francisco Rangel Pestana, Bernardino de Campos, o poeta Paulo Eiró, Martinho Prado Junior e Fagundes Varela. Tendo concluído o curso de Direito em 10 de Dezembro de 1863, aos 23 anos, Prudente retornou a Constituição.

Ali montou sua banca de advocacia, tal qual já fizera seu irmão Manuel de Moraes Barros, dando início à sua carreira.

Filiou-se ao Partido Liberal, candidatou-se a vereador e foi eleito em 7 de Setembro de 1864, com 420 votos, sendo o mais votado. Por isso, tornou-se Presidente da Câmara Municipal, o que conferia também funções executivas. Tomou posse no cargo em 7 de Janeiro de 1865 para exercê-lo durante o quadriênio 1865-1868.

No início dos trabalhos aceitou a incumbência de elaborar um novo Código de Posturas para a cidade, tarefa de que se desincumbiu no início de Abril, quando apresentou sua proposta. Aprovada por seus pares por unanimidade, o Código de Posturas foi imediatamente encaminhado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo para o necessário exame da legalidade do ato, por exigência da legislação da época.

Casou-se em 28 de Maio de 1866 com Adelaide Benvenida da Silva Gordo, filha de seu padrinho, em Santos. Foi na casa de seus pais que Adelaide se casou com Prudente de Moraes e Barros, houve uma cerimônia dupla: sua irmã gêmea

Maria Inês desposou o senador Manuel de Moraes e Barros, irmão de Prudente, no mesmo dia.

De volta a Constituição, recusou sua nomeação para o cargo de primeiro suplente do juiz municipal e de órfãos, feita pelo Presidente da Província, Conselheiro João da Silva Carrião, em 31 de Agosto de 1866.

Em 1867, ainda como Presidente da Câmara, propôs a criação de um asilo para abrigo dos morféuticos (portadores de hanseníase), sendo autorizado pela Câmara a elaborar o projeto.

Foi indicado pelo Partido Liberal para concorrer às eleições para a Assembléia Legislativa Provincial. Em Outubro de 1867 foi eleito deputado provincial pelo terceiro distrito para a 17ª legislatura (1868-1869).

Adelaide Benvinda da Silva Gordo nasceu em 1845, em Santos, faleceu a 8 de novembro de 1911 em Berlim. D.<sup>a</sup> Adelaide e seu marido tiveram nove filhos juntos: Maria Jovita, Gustavo, Prudente José de Moraes e Barros Filho, Antônio, Maria Amélia, Carlota, Júlia, Paula e Maria Teresa; no entanto, duas filhas faleceram em menoridade.

Dona Adelaide criou e educou o filho natural que Prudente de Moraes teve enquanto estudante de direito, chamado José (morto em 1895, vítima de um desastre na fazenda do Barreiro).

Foi uma velha amiga da missionária metodista norte-americana Martha Watts, que fundou, entre outras instituições, o Colégio Piracicabano, no qual filhos do casal Moraes estudaram.

Ficou viúva em dezembro de 1902. Sua saúde abalada levou-a para um tratamento médico em Berlim, na Alemanha, onde faleceu. Seu corpo está sepultado em Piracicaba.

### PRUDENTE DE MORAES NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL

A sessão de instalação da 17ª legislatura ocorreu em Fevereiro de 1868 e Prudente foi eleito para a Comissão de Constituição e Justiça juntamente com o Conselheiro Carrião e Cândido de Andrade. Também foi eleito para a Comis-

são de Redação com Jorge Miranda e Paula Sousa.

24ª Sessão Ordinária

Realizada aos 25 de Fevereiro de 1889

O Sr. Prudente de Moraes: – Sr. Presidente, os moradores do bairro do Rio das Pedras, do Município de Piracicaba, encarregaram-me de apresentar a esta Assembléia uma representação assinada por sessenta e tantos deles pedindo a elevação à categoria de Freguesia da povoação ali existente, junto à estação da estrada de ferro. O bairro do Rio das Pedras é um dos mais importantes daquele Município. Possui fazendas de muito valor e está hoje com a sua população extraordinariamente aumentada. Só a população constituída por imigrantes estabelecidos nas fazendas que circundam a estação do Rio das Pedras é de cerca de 600 famílias, com pessoal superior a duas mil pessoas, além da população nacional, composta de fazendeiros e de pequenos agricultores. A povoação já tem uma capela, igreja bem decente e de construção recente feita à custa dos habitantes. O povoado desenvolve-se dia a dia. Já existe ali um distrito de subdelegacia de polícia que funciona regularmente.

Existem duas escolas, uma para cada sexo, e os moradores daquele bairro obtêm com dificuldade os recursos especiais, mas, visto como o bairro faz parte da Paróquia de Piracicaba, que é constituída por todo município daquela cidade cuja população é muito aproximadamente calculada em 30 mil almas, e a Paróquia só tem sido servida por um pároco, que não pode satisfazer as necessidades religiosas de seus habitantes, necessidades que hoje crescem de ponto, porque a imigração que está vindo é quase toda italiana e estes, quase em sua totalidade, são católicos. A representação visa o interesse público e absolutamente não atende a interesses partidários. Para que a Assembleia se convença disso bastará atender que entre os signatários desta representação figuram homens de todos os partidos, aí se encontram conservadores, entre os quais o respeitável chefe Barão da Serra Negra; liberais, como sejam Joaquim da Silveira Mello, Francisco de Oliveira Ferraz, e republicanos, como o Dr. João Tobias Aguiar e Castro, João

Leite de Cerqueira César, Francisco Corrêa de Barros e outros. Eu envio à Mesa a representação e para facilitar o expediente faço-a acompanhar de projeto no sentido de atendê-la.

Peço a V. Exa., Sr. Presidente, que remetendo o projeto e representação à Comissão de Estatística, interponha seu vailimento afim de que esta não demore o seu parecer, de modo que possa ser atendida com brevidade tão justa pretensão.

### O MOVIMENTO REPUBLICANO E O PRP

Terminava a Guerra do Paraguai em 1870. Neste mesmo ano, em 3 de Dezembro, foi publicado o primeiro número de *A República*, que trazia o manifesto daqueles que já haviam deixado o Partido Liberal em 1868 e fundado o Partido Radical, sob a liderança de Saldanha Marinho. O Manifesto Republicano, redigido por Quintino Bocaiúva, tinha, entre outras, as assinaturas de Aristides Lobo e Rangel Pestana.

Em Constituição escreveu-se carta de apoio ao manifesto. Entre os signatários, Manuel de Moraes Barros, irmão de Prudente. Quanto à assinatura de Prudente, aposta no final do documento, abaixo das outras assinaturas, comprovou-se ser apócrifa, não havendo também qualquer referência histórica ou biográfica à sua presença na Assembléia de fundação do Clube Republicano, em Itu, a 9 de Setembro de 1871. O presidente do Clube Republicano era Jorge Tibiriçá Piratininga, secretariado por Antônio Francisco de Paula Sousa. Embora fundado por pessoas próximas a Prudente de Moraes, não recebeu o Clube Republicano a sua adesão imediata. Para Silveira Peixoto, explica-se a atitude de Prudente por sua fidelidade ao Partido

Liberal, que era um dos partidos que sustentavam a ordem monarquista. Após a fundação do Clube Republicano, criaram-se núcleos por toda a Província de São Paulo. Na Capital, recebeu a adesão de Américo Brasiliense, Campos Salles e Rangel Pestana. Em 18 de Abril de 1873, durante a primeira assembléia republicana do Brasil, foi fundado o Partido Republicano Paulista.

Prudente de Moraes, que era, juntamente com seu irmão Manuel, um dos fundadores da Loja Maçônica de Piracicaba, aderiu em 1876, elegendo-se vereador pelo PRP para o período de 1877-1880. É dessa época o artigo que Prudente de Moraes escreveu na “Gazeta de Piracicaba” em homenagem ao escravo Antônio, que cometera suicídio na cadeia para escapar da pena de 200 açoites. Segundo o texto publicado, o escravo dissera que “seu senhor havia comprado seu corpo, mas não seu coração”.

A passagem de Prudente de Moraes por sucessivas vereanças em Piracicaba, tendo inclusive exercido a chefia do Poder Executivo Municipal, ensejou a propositura da seguinte indicação pelo vereador Honório José Libório, em 1890: “Indico (...) mandar dar o nome de Rua Prudente de Moraes à atual Rua dos Pescadores (...)”. Ainda em vida, Prudente de Moraes já era homenageado pelo povo de Piracicaba.

## NA PRESIDÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Proclamada a República, instalou-se Deodoro da Fonseca no Governo Provisório. Em São Paulo foi constituído um Governo Provisório do Estado de São Paulo, antiga Província de São Paulo. Um triunvirato assumiu a administração: Prudente de Moraes, Francisco Rangel Pestana e o tenente-coronel Joaquim de Sousa Mursa. Era o dia 16 de Novembro de 1889.

Por decreto do Marechal Deodoro, datado de 3 de Dezembro de 1889, foi Prudente de Moraes nomeado governador do Estado, o primeiro do período republicano. A 14 de Dezembro, Prudente tomou posse no cargo em sessão extraordinária da Câmara Municipal de São Paulo, sessão esta solicitada pelo próprio governador nomeado.

## A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Tudo começou quando nasceu aquela manhã ensolarada de novembro de 1889. A movimentação das botas e das rodas de 16 canhões causava estranheza para quem observasse o Campo

de Santana. Cerca de 500 homens da 2ª Brigada do Exército, de dois Regimentos de Cavalaria e ainda um grupo de 60 alunos da Escola Superior de Guerra marchavam. À frente, estava o comandante do 1º Regimento de Cavalaria e, ao seu lado, Benjamin Constant, tenente-coronel e professor da escola militar.

O Marechal Deodoro da Fonseca, bastante doente e abatido, chegou de carruagem, tomou a montaria de um subordinado e passou a comandar a coluna de rebeldes. O único civil que participava da ação era o jornalista republicano Quintino Bocayuva. O quartel-general estava rodeado por destacamentos do exército, da Armada, da polícia e dos bombeiros - todos convocados para defender o local.

O gabinete do primeiro-ministro Ouro Preto tentava conter a movimentação dos militares insubordinados. Floriano Peixoto ocupava seu lugar ao lado do governo imperial e garantia que a situação estava sob controle. Na verdade, nada estava sendo feito para conter os golpistas...

Os insurgentes republicanos chegavam ao quartel-general e nenhuma das forças convocadas para defender o local reagia. O Visconde de Ouro Preto, o primeiro-ministro do governo imperial, estava desesperado e cobrava um contra-ataque das forças que supostamente estavam ao lado do imperador. Logo, as tropas de rebeldes e de defesa começaram a confraternizar e se uniram para invadir o quartel, aceitando a autoridade e o comando do respeitado Deodoro.

Um mensageiro trouxe uma mensagem de Deodoro a Floriano Peixoto, que estava dentro do quartel. Ouro Preto proibiu a sua entrada. Então, acontece o inesperado: chegava ao Campo de Santana o ministro da Marinha, o Barão de Ladário, outro respeitável senhor de barbas brancas. Um dos rebelados lhe deu voz de prisão. Ladário desceu da carruagem, sacou a pistola e atirou no oficial rebelde. O barão ainda tentou atingir Deodoro com dois tiros, mas errou ambos.

A reação foi imediata. Um grupo de militares atacou o ministro da Marinha e o agrediu violentamente com tiros e coronhadas. Deodoro teve que impedir seu linchamento.

Muito ferido, Ladário foi levado para casa.

Dentro do quartel, Floriano se recusou a reagir, alegando que um contra-ataque geraria uma carnificina. Mandou-se um telegrama para D. Pedro II: as tropas estavam ao lado de Deodoro, Ouro Preto foi forçado a se demitir, diante das circunstâncias.

Deodoro entrou no quartel-general em meio a saudações dos militares. Deu voz de prisão ao Visconde de Ouro Preto e recebeu a salva de 21 tiros. Dirigiu-se para o Arsenal da Marinha, seguido pelas tropas. A Marinha também apoiaria o golpe.

O que realmente queria Deodoro? Até aquele momento, ele não fizera nenhuma alusão à República. A intenção era forçar a queda do ministério, e depois, escolher outro que agradasse mais os militares. Dizem até que o marechal teria gritado: “Viva Sua Majestade, o imperador”.

Deodoro era o militar mais respeitado do Império, sendo amigo pessoal de D. Pedro II. Mas, acumulava queixas em relação ao regime e não suportava a ideia de um Terceiro Reinado, com Isabel no trono e, pior, com o odiado Conde D’Eu ao seu lado. A versão mais aceita é a de que o marechal acreditava que ainda era cedo para a República: seria melhor esperar o velho imperador morrer e depois tomar as providências para evitar a sucessão “desastrosa”.

Deposto o ministério, o velho militar se recolheu e foi deitar-se. Estava muito cansado e com a saúde debilitada. Entretanto, os republicanos não se conformavam. Queriam mais. Os gritos de “Viva a República” se multiplicavam. Liderados por José do Patrocínio, os rebeldes se reuniram na Câmara e hastearam a primeira bandeira da República. Logo, o governo provisório estaria formado.

Querendo ou não, Deodoro da Fonseca viria a ser o primeiro presidente da república do Brasil

A Proclamação da República Brasileira foi um levante político-militar ocorrido em 15 de novembro de 1889 que instaurou a forma republicana federativa presidencialista de governo no Brasil, derrubando a monarquia constitucio-

nal parlamentarista do Império do Brasil e, por conseguinte, pondo fim à soberania do imperador D. Pedro II. Foi, então, proclamada a República do Brasil.

A proclamação ocorreu na Praça da Aclamação (atual Praça da República), na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil, quando um grupo de militares do exército brasileiro, liderados pelo marechal Manuel Deodoro da Fonseca, destituiu o imperador e assumiu o poder no país.

Foi instituído, naquele mesmo dia 15, um governo provisório republicano. Faziam parte, desse governo, organizado na noite de 15 de novembro de 1889, o marechal Deodoro da Fonseca como presidente da república e chefe do Governo Provisório; o marechal Floriano Peixoto como vice-presidente; como ministros, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Quintino Bocaiuva, Rui Barbosa, Campos Sales, Aristides Lobo, Demétrio Ribeiro e o almirante Eduardo Wandenkolk, todos membros regulares da maçonaria brasileira.

### SITUAÇÃO POLÍTICA DO BRASIL EM 1889

O governo imperial, através do 37º e último gabinete ministerial, empossado em 7 de junho de 1889, sob o comando do presidente do Conselho de Ministros do Império, Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto, do Partido Liberal, percebendo a difícil situação política em que se encontrava, apresentou, em uma última e desesperada tentativa de salvar o império, à Câmara-Geral, câmara dos deputados, um programa de reformas políticas do qual constavam, entre outras, as medidas seguintes: maior autonomia administrativa para as províncias, liberdade de voto, liberdade de ensino, redução das prerrogativas do Conselho de Estado e mandatos não vitalícios para o Senado Federal. As propostas do Visconde de Ouro Preto visavam a preservar o regime monárquico no país, mas foram vetadas pela maioria dos deputados de tendência conservadora que controlava a Câmara Geral. No dia 15 de novembro de 1889, a república era proclamada.

## PERDA DE PRESTÍGIO DA MONARQUIA BRASILEIRA

Muitos foram os fatores que levaram o Império a perder o apoio de suas bases econômicas, militares e sociais. Da parte dos grupos conservadores pelos sérios atritos com a Igreja Católica (na "Questão Religiosa"); pela perda do apoio político dos grandes fazendeiros em virtude da abolição da escravatura, ocorrida em 1888, sem a indenização dos proprietários de escravos.

Da parte dos grupos progressistas, havia a crítica que a monarquia mantivera, até muito tarde, a escravidão no país. Os progressistas criticavam, também, a ausência de iniciativas com vistas ao desenvolvimento do país fosse econômico, político ou social, a manutenção de um regime político de castas e o voto censitário, isto é, com base na renda anual das pessoas, a ausência de um sistema de ensino universal, os altos índices de analfabetismo e de miséria e o afastamento político do Brasil em relação a todos demais países do continente, que eram republicanos.

Assim, ao mesmo tempo em que a legitimidade imperial decaía, a proposta republicana - percebida como significando o progresso social - ganhava espaço. Entretanto, é importante notar que a legitimidade do Imperador era distinta da do regime imperial: Enquanto, por um lado, a população, de modo geral, respeitava e gostava de dom Pedro II, por outro lado, tinha cada vez em menor conta o próprio império. Nesse sentido, era voz corrente, na época, que não haveria um terceiro reinado, ou seja, a monarquia não continuaria a existir após o falecimento de dom Pedro II, seja devido à falta de legitimidade do próprio regime monárquico, seja devido ao repúdio público ao príncipe consorte, marido da princesa Isabel, o francês Conde D'Eu. O conde tinha fama de arrogante, não ouvia bem, falava com sotaque francês e, além de tudo, era dono de cortiços no Rio, pelos quais cobrava aluguéis exorbitantes de gente pobre. Temia-se que, quando Isabel subisse ao trono, ele viesse a ser o governante de fato do Brasil.

Embora a frase de Aristides Lobo (jornalista e líder republicano paulista, depois feito ministro do governo provisório), “O povo assistiu bestializado” à proclamação da república, tenha entrado para a história, pesquisas históricas, mais recentes, têm dado outra versão à aceitação da república entre o povo brasileiro. É o caso da tese defendida por Maria Tereza Chaves de Mello (*A República Consentida*, Editora da FGV, EDUR, 2007), que indica que a república, antes e depois da proclamação, era vista popularmente como um regime político que traria o desenvolvimento, em sentido amplo, para o país.

### ANTECEDENTES DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

A partir da década de 1870, como consequência da Guerra do Paraguai (também chamada de Guerra da Tríplice Aliança) (1864-1870), foi tomando corpo a ideia de alguns setores da elite de alterar o regime político vigente. Fatores que influenciaram esse movimento:

- O imperador D. Pedro II não tinha filhos, apenas filhas. O trono seria ocupado, após a sua morte, por sua filha mais velha, a princesa Isabel, casada com um francês, Gastão de Orléans, Conde d’Eu, o que gerava o receio em parte da população de que o país fosse governado por um estrangeiro.
- O fato de os negros terem ajudado o exército na Guerra do Paraguai e, quando retornaram ao país, permaneceram como escravos, ou seja, não ganharam a alforria de seus donos.

### CRISE ECONÔMICA

A crise econômica agravou-se em função das elevadas despesas financeiras geradas pela Guerra da Tríplice Aliança, cobertas por capitais externos. Os empréstimos brasileiros elevaram-se de 3 000 000 de libras esterlinas em 1871 para

quase 20 000 000 em 1889, o que causou uma inflação da ordem de 1,75 por cento ao ano.

### QUESTÃO ABOLICIONISTA

A questão abolicionista impunha-se desde a abolição do tráfico negreiro em 1850, encontrando viva resistência entre as elites agrárias tradicionais do país. Diante das medidas adotadas pelo Império para a gradual extinção do regime escravista, devido a repercussão da experiência mal sucedida nos Estados Unidos de libertação geral dos escravos ter levado aquele país à guerra civil, essas elites reivindicavam do Estado indenizações proporcionais ao preço total que haviam pago pelos escravos a serem libertados por lei. Estas indenizações seriam pagas com empréstimo externo.

Com a decretação da Lei Áurea (1888), e ao deixar de indenizar esses grandes proprietários rurais, o império perdeu o seu último pilar de sustentação. Chamados de “republicanos de última hora” ou Republicanos do 13 de Maio, os ex-proprietários de escravos aderiram à causa republicana, não por causa de um sentimento, mas como uma “vingança” contra a monarquia.

Na visão dos progressistas, o Império do Brasil mostrou-se bastante lento na solução da chamada “Questão Servil”, o que, sem dúvida, minou sua legitimidade ao longo dos anos. Mesmo a adesão dos ex-proprietários de escravos, que não foram indenizados, à causa republicana, evidencia o quanto o regime imperial estava atrelado à escravatura.

Assim, logo após a princesa Isabel assinar a Lei Áurea, João Maurício Wanderley, Barão de Cotegipe, o único senador do império que votou contra o projeto de abolição da escravatura, profetizou:

“A senhora acabou de redimir uma raça  
e perder um trono!”

*Barão de Cotegipe*

## QUESTÃO RELIGIOSA

Desde o período colonial, a Igreja Católica, enquanto instituição, encontrava-se submetida ao estado. Isso se manteve após a independência e significava, entre outras coisas, que nenhuma ordem do papa poderia vigorar no Brasil sem que fosse previamente aprovada pelo imperador (Beneplácito Régio). Ocorre que, em 1872, Vital Maria Gonçalves de Oliveira e Antônio de Macedo Costa, bispos de Olinda e Belém do Pará respectivamente, resolveram seguir, por conta própria, as ordens do Papa Pio IX, que excluía, da igreja, os maçons. Como membros de alta influência no Brasil monárquico eram maçons (alguns livros também citam o próprio dom Pedro II como maçom), a bula não foi ratificada.

Os bispos se recusaram a obedecer ao imperador, sendo presos. Em 1875, graças à intervenção do maçom Duque de Caxias, os bispos receberam o perdão imperial e foram colocados em liberdade. Contudo, no episódio, a imagem do império desgastou-se junto à Igreja Católica. E este foi um fator agravante na crise da monarquia, pois o apoio da Igreja Católica à monarquia sempre foi essencial à subsistência da mesma.

## QUESTÃO MILITAR

A expressão “questão militar” foi utilizada para designar vários episódios, ocorridos entre 1883 e 1887, envolvendo militares e o Governo Imperial e que serviram para apressar o fim na Monarquia no Brasil.

Os militares do Exército Brasileiro estavam descontentes com a proibição, imposta pela monarquia, pela qual os seus oficiais não podiam manifestar-se na imprensa sem uma prévia autorização do Ministro da Guerra. Os militares não possuíam uma autonomia de tomada de decisão sobre a defesa do território, estando sujeitos às ordens do imperador e do Gabinete de Ministros, formado por civis, que se sobrepunham às ordens dos generais. Assim, no império, a maioria dos ministros da guerra eram civis.

Além disso, frequentemente os militares do Exército Brasileiro sentiam-se desprestigiados e desrespeitados. Por um lado, os dirigentes do império eram civis, cuja seleção era extremamente elitista e cuja formação era bacharelesca, mas que resultava em postos altamente remunerados e valorizados; por outro lado, os militares tinham uma seleção mais democrática e uma formação mais técnica, mas que não resultavam nem em valorização profissional nem em reconhecimento político, social ou econômico. As promoções na carreira militar eram difíceis de serem obtidas e eram baseadas em critérios personalistas em vez de promoções por mérito e antiguidade.

A Guerra do Paraguai, além de difundir os ideais republicanos, evidenciou aos militares essa desvalorização da carreira profissional, que se manteve e mesmo acentuou-se após o fim da guerra. O resultado foi a percepção, da parte dos militares, de que se sacrificavam por um regime que pouco os consideravam e que dava maior atenção à Marinha do Brasil.

### ATUAÇÃO DOS REPUBLICANOS E DOS POSITIVISTAS

Durante a Guerra do Paraguai, o contato dos militares brasileiros com a realidade dos seus vizinhos sul-americanos levou-os a refletir sobre a relação existente entre regimes políticos e problemas sociais. A partir disso, começou a desenvolver-se, tanto entre os militares de carreira quanto entre os civis convocados para lutar no conflito, um interesse maior pelo ideal republicano e pelo desenvolvimento econômico e social brasileiro.

Dessa forma, não foi casual que a propaganda republicana tenha tido, por marco inicial, a publicação do manifesto Republicano em 1870 (ano em que terminou a Guerra do Paraguai), seguido pela Convenção de Itu em 1873 e pelo surgimento dos clubes republicanos, que se multiplicaram, a partir de então, pelos principais centros no país.

Além disso, vários grupos foram fortemente influenciados pela maçonaria (Deodoro da Fonseca era maçom, assim como

todo seu ministério) e pelo positivismo de Auguste Comte, especialmente, após 1881, quando surgiu a igreja Positivista do Brasil. Seus diretores, Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes, iniciaram uma forte campanha abolicionista e republicana.

A propaganda republicana era realizada pelos que, depois, foram chamados de “republicanos históricos” (em oposição àqueles que se tornaram republicanos apenas após o 15 de novembro, chamados de “republicanos de 16 de novembro”).

As ideias de muitos dos republicanos eram veiculadas pelo periódico *A República*. Segundo alguns pesquisadores, os republicanos dividiam-se em duas correntes principais:

- Os evolucionistas, que admitiam que a proclamação da república era inevitável, não justificando uma luta armada;
- Os revolucionistas, que defendiam a possibilidade de pegar em armas para conquistá-la, com mobilização popular e com reformas sociais e econômicas.

Embora houvesse diferenças entre cada um desses grupos no tocante às estratégias políticas para a implementação da república e também quanto ao conteúdo substantivo do regime a instituir, a ideia geral, comum aos dois grupos, era a de que a república deveria ser um regime progressista, contrastado à exausta monarquia. Dessa forma, a proposta do novo regime revestia-se de um caráter social revolucionário e não apenas do de uma mera troca dos governantes.

### GOLPE MILITAR DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889 E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

No Rio de Janeiro, os republicanos insistiram que o Marechal Deodoro da Fonseca, um monarquista, chefiasse o movimento revolucionário que substituiria a monarquia pela república.

Depois de muita insistência dos revolucionários, Deodoro da Fonseca concordou em liderar o movimento militar.

Segundo relatos históricos, em 15 de novembro de 1889, comandando algumas centenas de soldados que se mo-

vimentavam pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, o marechal Deodoro, assim como boa parte dos militares, pretendia apenas derrubar o então Chefe do Gabinete Imperial (equivalente a primeiro-ministro), o Visconde de Ouro Preto. “Os principais culpados de tudo isso [*a proclamação da República*] são o conde D’Eu e o Visconde de Ouro Preto: o último por perseguir o Exército e o primeiro por consentir nessa perseguição”, diria mais tarde Deodoro.

O golpe militar, que estava previsto para 20 de novembro de 1889, teve de ser antecipado. No dia 14, os conspiradores divulgaram o boato de que o governo havia mandado prender Benjamin Constant Botelho de Magalhães e Deodoro da Fonseca. Posteriormente confirmou-se que era mesmo boato. Assim, os revolucionários anteciparam o golpe de estado, e, na madrugada do dia 15 de novembro, Deodoro dispôs-se a liderar o movimento de tropas do exército que colocou um fim no regime monárquico no Brasil.

Os conspiradores dirigiram-se à residência do marechal Deodoro, que estava doente, com dispneia, e acabam por convencê-lo a liderar o movimento. Aparentemente decisivo para Deodoro foi saber que, a partir de 20 de novembro, o novo Presidente do Conselho de Ministros do Império seria Silveira Martins, um velho rival. Deodoro e Silveira Martins eram inimigos desde o tempo em que o marechal servira no Rio Grande do Sul, quando ambos disputaram o coração da baronesa do Triunfo, a gaúcha Maria Adelaide Andrade Neves Meireles, viúva muito bonita e elegante, que, segundo os relatos da época, preferira Silveira Martins. Desde então, Silveira Martins não perdia oportunidade para provocar Deodoro da tribuna do Senado, insinuando que malversava fundos e até contestando sua eficácia enquanto militar.

Além disso, o major Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro dissera a Deodoro que uma suposta ordem de prisão contra ele havia sido expedida, argumento que convenceu finalmente o velho marechal a proclamar a República no dia 16 e a exilar a Família Imperial já à noite, de modo a evitar uma eventual comoção popular.

Convencido de que seria preso pelo governo imperial, Deodoro saiu de sua residência ao amanhecer do dia 15 de Novembro, atravessou o Campo de Santana e, do outro lado do parque, conclamou os soldados do batalhão ali aquartelado, onde hoje se localiza o Palácio Duque de Caxias, a se rebelarem contra o governo. Oferecem um cavalo ao marechal, que nele montou, e, segundo testemunhos, tirou o chapéu e proclamou “Viva a República!”. Depois apeou, atravessou novamente o parque e voltou para a sua residência. A manifestação prosseguiu com um desfile de tropas pela Rua Direita, atual rua 1º de Março, até o Paço Imperial.

Os revoltosos ocuparam o quartel-general do Rio de Janeiro e depois o Ministério da Guerra. Depuseram o Gabinete ministerial e prenderam seu presidente, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto.

No Paço Imperial, o presidente do gabinete (primeiro-ministro), Visconde de Ouro Preto, havia tentando resistir pedindo ao comandante do destacamento local e responsável pela segurança do Paço Imperial, general Floriano Peixoto, que enfrentasse os amotinados, explicando ao general Floriano Peixoto que havia, no local, tropas legalistas em número suficiente para derrotar os revoltosos. O Visconde de Ouro Preto lembrou a Floriano Peixoto que este havia enfrentado tropas bem mais numerosas na Guerra do Paraguai. Porém, o general Floriano Peixoto recusou-se a obedecer às ordens dadas pelo Visconde de Ouro Preto e assim justificou sua insubordinação, respondendo ao Visconde de Ouro Preto:

“Sim, mas lá (no Paraguai) tínhamos em frente inimigos e aqui somos todos brasileiros!”

*Floriano Peixoto*

Em seguida, aderindo ao movimento republicano, Floriano Peixoto deu voz de prisão ao chefe de governo Visconde de Ouro Preto.

O único ferido no episódio da proclamação da república foi o Barão de Ladário, que resistiu à ordem de prisão dada pelos amotinados e levou um tiro. Consta que Deodoro não di-

rigiu crítica ao Imperador dom Pedro II e que vacilava em suas palavras. Relatos dizem que foi uma estratégia para evitar um derramamento de sangue. Sabia-se que Deodoro da Fonseca estava com o tenente-coronel Benjamin Constant ao seu lado e que havia alguns líderes republicanos civis naquele momento.

Na tarde do mesmo dia 15 de novembro, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, foi solenemente proclamada a República.

À noite, na Câmara Municipal do Município Neutro, o Rio de Janeiro, José do Patrocínio redigiu a proclamação oficial da República dos Estados Unidos do Brasil, aprovada sem votação. O texto foi para as gráficas de jornais que apoiavam a causa, e, só no dia seguinte, 16 de novembro, foi anunciado ao povo a mudança do regime político do Brasil.

Dom Pedro II, que estava em Petrópolis, retornou ao Rio de Janeiro. Pensando que o objetivo dos revolucionários era apenas substituir o Gabinete de Ouro Preto, o Imperador D. Pedro II tentou ainda organizar outro gabinete ministerial, sob a presidência do conselheiro José Antônio Saraiva. O imperador, em Petrópolis, foi informado e decidiu descer para a Corte. Ao saber do golpe de estado, o Imperador reconheceu a queda do Gabinete de Ouro Preto e procurou anunciar um novo nome para substituir o Visconde de Ouro Preto. No entanto, como nada fora dito sobre República até então, os republicanos mais exaltados espalharam o boato de que o Imperador escolhera Gaspar Silveira Martins, inimigo político de Deodoro da Fonseca desde os tempos do Rio Grande do Sul, para ser o novo chefe de governo. Deodoro da Fonseca então convenceu-se a aderir à causa republicana. O Imperador foi informado disso e, desiludido, decidiu não oferecer resistência.

No dia seguinte, o major Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro entregou a dom Pedro II uma comunicação, cientificando-o da proclamação da república e ordenando sua partida para a Europa, a fim de evitar conturbações políticas. A família imperial brasileira exilou-se na Europa, só lhes sendo permitida a sua volta ao Brasil na década de 1920.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI**  
Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

## **Ilha da magia**

Após mais de vinte anos voltei a Florianópolis. Devo admitir que só me lembrava vagamente da área central, ou seja, da catedral e da figueira na praça.

Neste fevereiro de 2015, posso dizer que a conheci um pouco mais e por esta razão encantei-me por ela. Ao mesmo tempo em que tive a sensação de estar numa cidade grande senti a natureza bem presente, pois além do mar, praias paradisíacas e lagoas, alguns trechos da cidade conservam a mata ciliar, onde há trilhas para quem desejar conhecer e usufruir sua paisagem verde.

Com exceção das construções erguidas nos morros em épocas passadas, não há casas nas partes mais altas. As populares encontram-se nas áreas baixas e para o turista desavisado não há bairros de periferias isolados dos bairros de classe média e alta. Estes últimos existem em condomínios fechados e até abertos, nas praias Jurerê, Santinho com mansões de pessoas com grandes posses, incluindo alguns jogadores de futebol e astros da televisão. Não vimos favelas.

Conheci lugares pitorescos que caracterizam a iniciação do povoado, às margens da Lagoa da Conceição. Alguns: Santo Antonio de Lisboa e Ribeirão da Ilha. Os casarios antigos com telhas portuguesas e azulejos pintados retratam a chegada dos imigrantes das ilhas dos Açores e Madeira aliciados pelo governo, que ao erigirem a capela do local, escolheram como padroeira, N. Senhora das Necessidades. A guia enfatizou Nossa Senhora do Desterro e oficialmente a padroeira da cidade e também do estado, é Santa Catarina (de Alexandria).

Um dos passeios inesquecíveis foi o de escuna, saindo da região das Canasvieiras para as Fortalezas de Santa Cruz e Santo Antonio. “Capitão Gancho” era o nome da embarcação, réplica das utilizadas pelos piratas estrangeiros no início do povoamento da ilha, muito cobiçada por eles. A viagem transcorreu num clima muito alegre, com os animadores em trajes de piratas, promovendo o entrosamento entre brasileiros, argentinos, uruguaios e outros turistas.

Sobre a fortaleza o guia da excursão nos contou que esta teve papel fundamental na vitória da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, quando era presidente da República, Marechal Floriano Peixoto. O nome de Florianópolis foi em sua homenagem. Atualmente há grupos na cidade interessados na mudança. Grande parte da população, a chama de Floripa. Outros sugeridos: Desterro, Ondina, Ilha da Magia etc.

Outro destaque da tradição é seu morador ser chamado carinhosamente por “Manezinho”. Isso, porque conta a história que em quase toda família de colonização portuguesa havia uma pessoa ou mais, com o nome Manuel.

Visitando o bairro açoriano Ribeirão da Ilha, além do deslumbramento com as moradias semelhantes às das ilhas portuguesas, minha atenção foi despertada pelas fazendas de ostras, onde nos explicaram o processo e cultivo das mesmas. Depois houve a degustação “in natura” e no bafo. Preferi optar pela segunda e confesso que apreciei.

Não poderia deixar de contatar a vida que se desenrola à beira de uma das maiores lagoas do Brasil, a lagoa da Conceição. Fomos de barco, conduzido pelos barqueiros. Tal embarcação funciona como meio de transporte para os moradores que residem nos postos, ou seja, povoados com pequena população e que sobrevivem da pesca e turismo. Conversando com uma moradora do local, que é pescadora de camarões e rendeira de bilro, soube que pela lei ambiental em vigor no município, os donos de negócios e mesmo particulares, não podem construir além da faixa de área territorial estabelecida pelos órgãos governamentais e estão sujeitos à punição se a ultrapassarem.

Seus moradores têm raízes sólidas onde nasceram. A mesma senhora que viajou no barco que nos conduzia, contou que aí nasceu e permanece até hoje. Dos seus dois filhos, um também reside à beira da lagoa e atualmente é dono de um dos barcos. Disse que antes de ser proprietário foi entrevistado por um canal de televisão e quando lhe perguntaram se não trocaria sua vida naquelas plagas por outra mais lucrativa, ele respondeu firmemente que por dinheiro algum deixaria de viver e trabalhar na lagoa. Descemos num dos postos de parada e após o grupo se banhar com as águas formadas pela cascata vinda da mata, almoçamos peixe pescado na lagoa da Conceição: o carapeva, acompanhado com molho de camarão. Muito bom!

Tivemos como ponto alto da programação conhecer o Projeto Tamar (Ta, Tartaruga e mar de onde ela se origina). É muito bonito acompanhar o trabalho desenvolvido pelos profissionais da área, para a preservação e perpetuação da espécie. Desse ponto seguimos em grupo para a Barra da Lagoa. Era a hora do almoço e aproveitamos escolher no cardápio, o que é comum ser servido na ilha: “sequência de camarão”. Valeu, pois matei a vontade de comer camarões preparados de vários modos.

Sobre o Bairro do Campeche, localizado no sul da Ilha contam os mais antigos que este Bairro do Campo do Peixe, recebeu a visita do então piloto e escritor francês Saint-Exupéry, conhecido no local pelo apelido de Zé Perri. Ele, por várias vezes ficou nessa região, utilizada na época como parada para entrega de correspondência e lhe deu o apelido de *Champ et Péche*, como é conhecida nos dias de hoje. A principal avenida recebeu o nome do livro que o tornou famoso: Pequeno Príncipe. Fico a pensar se muitas de suas prosas poéticas não foram inspiradas nesta ilha cheia de encantos... “um pedacinho de terra/ perdido no mar.../ um pedacinho de terra/ beleza sem par.”

Por tudo isso só posso dizer: Valeu ter retornado à Ilha da Magia!

P.S. Em boa hora leio na edição de hoje do Jornal local “A Gazeta” (dia 07/03/2015): A primeira cidade melhor para criar os filhos, dentre os 100 melhores municípios do Brasil é Florianópolis. Também com quase meio milhão de habitantes tem o terceiro maior índice de desenvolvimento humano.

## **Trovas com o tema Amizade**

Como é doce a amizade,  
relação sempre aquecida  
prova de sinceridade,  
preenche toda uma vida.

Amizade lembra amor,  
entrega despretensiosa  
envolve afeto, calor,  
aliança prazerosa.

Amizade é como um céu  
com nuvens de carneirinhos  
e à noite brilhando ao léu  
a lua, estrelas e anjinhos.

Na amizade há lealdade  
na tristeza e alegrias,  
ternura, fidelidade,  
que dão paz aos nossos dias.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI  
Acadêmico Honorário

## O Poeta

Quando o enxergam passar, passos pequenos,  
A face magra, quieto, entristecido,  
Lançando, às vezes, no ar, mudos acenos  
Em gestos de abraçar o indefinido;

Quando o enxergam passar (e o seu ouvido  
Não atende aos insultos dos terrenos)  
Todos, num quase acento comovido,  
Dizem: “Deve ser louco, mais ou menos”.

Um dia (nem eu sei como se deu)  
Conversamos. Contou-me todo o seu  
Viver cheio de angústias e revezes.

É poeta... arrependo-me dizê-lo,  
Pois eu sei que dirão, agora, ao vê-lo:  
“Poeta?... então é louco duas vezes!”



---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA  
AGUIAR CORAZZA

Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

## Um fim de semana abençoado

A fim de conhecer um dos maiores Santuários do mundo ou cumprir promessas como geralmente acontece, Aparecida do Norte traz consigo a devoção a Nossa Senhora Aparecida que cada vez mais comove, incentiva e sensibiliza a emoção da religião e da fé comprovadas pela quantidade increditável de fiéis vindos de todos os lugares do país, para orar, agradecer e reverenciar nossa Mãe de Deus, milagrosa, bendita, a Padroeira da Brasil!

Momentos de contrição e esperança nos sofrimentos e nas dores demonstrados na quantidade exorbitante de olhos e mãos postas, joelhos dobrados, bênçãos e conselhos que confortam e velas que se acendem implorando por pedidos angustiantes ou no mínimo, pela força necessária para continuar nos caminhos tão difíceis de lutas deste vale de lágrimas.

De Aparecida a Guaratinguetá cujas cidades hoje se emendam, a visita à Igreja de Santo Antonio de Sant'Anna Galvão que aí nasceu em 1739 e foi canonizado como o primeiro Santo brasileiro. De profunda educação religiosa, um exemplo de vida cristã e amor ao próximo, sobretudo aos mais necessitados Frei Galvão teve uma formação franciscana tendo celebrado em sua cidade natal, sua primeira missa aos 23 anos quando foi ordenado sacerdote no Rio de Janeiro. A vida de Frei Galvão foi repleta de muito trabalho, perseguições e sofrimentos, mas também com muitas atuações e cargos, sempre na defesa da justiça, do amor e da santidade em todos os sentidos. Seus inúmeros milagres fazem dele hoje, um Santo

respeitado e grandemente solicitado nas orações de muitos fiéis. Frei Galvão morreu no dia 23 de dezembro de 1822 com 83 anos e foi sepultado na Igreja de Recolhimento de N.S. da Conceição da Luz da Divina Providência em São Paulo (hoje conhecido como Mosteiro da Luz), que ele mesmo ajudara a construir (aqui apenas um resumo irrisório de sua Vida grandiosa, para justificar a passagem por Guaratinguetá...)

Pouco mais de 30 quilômetros dali, na cidade de Cachoeira Paulista surge pelo fundador da Comunidade Canção Nova, Monsenhor Jonas Abib, a ideia da construção de um Santuário que evangelizasse e “oferecesse a cada pessoa a oportunidade de fazer a experiência com a Misericórdia Divina” surgindo então, a “Igreja do Pai das Misericórdias”, nomeado por Dom Benedito Beni dos Santos, então bispo da Diocese de Lorena, que acolherá cinco mil pessoas, concretizando assim, o “sonho de Monsenhor Jonas Abib”.

Nós que estivemos lá neste fim de semana abençoado pudemos constatar que “contemplar o Santuário é contemplar a obra de Deus e acreditar que tudo é possível ao que crê” como diz monsenhor Jonas. Obra magnífica que será “inaugurada no dia 5 de dezembro de 2014, ano da canonização dos papas João XXIII e João Paulo II, que também celebra os 50 anos de sacerdócio de Monsenhor Jonas Abib”.

Muitos admiradores, fiéis e religiosos assistem fervorosamente a TV Canção Nova que transmite informações, mensagens e orações diárias, vinte e quatro horas ininterruptas (canal 194). Algum esclarecimento necessário e doações, pois que o Santuário encontra-se em construção e logicamente necessita de colaborações e apoios financeiros também. Para mais esclarecimentos, o endereço é: Caixa postal 57, CEP 1263-0900, fone (12) 3186-2600 ou pelo site: [www.cancaonova.com](http://www.cancaonova.com)

O conselho para quem tiver oportunidade, é ir até à cidade de Cachoeira Paulista (leia-se Canção Nova), e conhecer um dois mais espetaculares locais de fé e religiosidade que existem no Brasil!

## **“Anosognosia” e sua relação com o Alzheimer**

(Para quem esquece nomes, datas, acontecimentos, etc., eis uma grande notícia).

Recebi de um médico conceituado, muito consciente e bem intencionado essa explicação que tem levado muito alívio às pessoas, sobretudo nos dias de hoje onde o agito e a confusão de fatos em todos os setores que nos cercam transformam nossa vida num circo de horrores e apreensão levando geralmente a supor e a conjecturar muito pessimismo e negativismo que estão tirando a alegria de viver de todo cidadão.

É muita solicitação, muita variedade de solicitações! E, esse clima também que fala demais em violências de tipos nunca imagináveis, em doenças terríveis que matam de repente ou judiam, tristezas e tragédias a todo o momento... Então, a população vai se retraindo, se escondendo, se amedrontando ficando cada vez mais introspectiva e reclusa, principalmente à noite quando as ruas ficam desertas e todo mundo trancado em suas casas super gradeadas e lacradas. Uma situação de castração e falta de liberdade de ir e vir, movidas pelo temor, ou melhor, pelo pavor de ataques monstruosos que não deixam as paginas dos jornais e dos meios de comunicação. E isso traz muito transtorno ao pensamento e ao comportamento do ser humano.

“Anosognosia” então é um termo médico que indica a situação de não se recordar temporariamente de alguma coisa, e, pensamos movida por essas perturbações. O excesso de informações que existe atualmente leva metade dos maiores de cinquenta anos (e atentem para muitos jovens “esquecidos” também...), apresentarem falhas deste tipo de esquecimento que tem mais a ver com o fato relacionado à idade do que com a doença. Falha de memória não tem nada a ver com Alzheimer, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa... Não

recordar de nomes próprios, não lembrar onde deixou algumas coisas, entrar num aposento da casa e não se lembrar do que ia fazer lá, esquecer o título de um filme, o nome de uma canção, de um ator, não se lembrar de onde esqueceu os óculos ou quando estava conversando interromper o pensamento e tiver dificuldade de continuar com a conversa no ponto em que a tinha deixado nada disso tem a pensar que está com um inimigo na cabeça cujo nome começa por Alz... O doutor continua: “Hoje li um artigo que me deixou bem mais tranquilo, por isso passo a transcrever a parte mais interessante: ‘Se tens consciência dos teus problemas de memória, então é porque ainda não tens problemas’”. “Quem tem consciência de ter esse tipo de esquecimento, não tem problemas sérios de memória” repete, porque os que têm Alzheimer não tem registro do que efetivamente se passa, e, cita um professor de neurologia de CHU Pitié-Salpêtrière, para as pessoas que estão preocupadas com seus esquecimentos, dizendo: “Quanto mais se queixam de problemas de memória, menos possibilidades têm de sofrer de uma doença de memória”. E termina: “Este documento é dedicado a todos os esquecidos dos quais me recordo”...

Daí a intenção desta cronista que preferiu ao invés de outro tema escrever única e exclusivamente este, que trará um alívio e um descanso mental àqueles que andam preocupados e atormentados com a possibilidade de ter essa doença terrível que anda martirizando tanta gente nesta vida.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARLY THEREZINHA  
GERMANO PERECIN**

Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini

## **O tempo que somos**

Somos a duração do tempo que vivemos em tempo presente. Minha casa está de pé porque eu estou de pé, assim como o meu imaginário, a minha força criativa e as minhas esperanças, depositados no mesmo balaio das tristezas e das alegrias. É a dialética do coração, que tem o seu tempo de sorrir e de chorar, desde que nasceu e, um dia, irá morrer. Na contabilidade dessa vivência, os ganhos devem prevalecer às perdas, o mais é investimento de coragem e determinação, também de erros e fracassos. Na imponderabilidade desse mistério universal, ninguém, ainda, decodificou a charada. A busca permanece.

Diziam os gregos que diante da força do destino até os deuses abaixavam as cabeças. A civilização judaica-cristã nos educou ao enfrentamento das aporias, mesmo diante do sobrenatural. Não que sejamos titãs, mas teimosos mortais em buscar respostas para o que não sabemos ou levemente intuimos. Assim nasceram as teologias, as literaturas, as ciências, as doutrinas e as ideologias. As artes, essas permanecem com as musas, sempre felizes. O que se salvou no grande tempo da história foi o conhecimento, e por ele vivemos, santos ou pecadores, soberbos ou humildes. É a grande paga à descendência da humanidade.

Buscar viver na sabedoria não chega a ser presunção da melhor das utopias, mas aspiração plausível de quem encara com humildade o mistério, seja do amanhecer ou da derradeira hora. Repudio a ideia de que viver é sofrer, porém é inegá-

vel o fardo. Para quem o carrega, há buscas de alternativas no ócio, na acomodação com o pouco, na passividade, na aceitação da autoridade ou das ardilosas propostas doutrinárias. É imanente o risco de cair na dilemática conjectura da rotina sem racionalidade e da fracassada experiência do mal pensar. É viver e morrer na mesmice – esse o grande desastre de uma vida.

Viver na busca da verdade, arder na eterna chama do conhecimento e poder confessar um dia, que não se viveu em vão, é unicamente o que chancela a nossa herança de mortais. O laudo final poderá ser: durou mal ou durou bem, sem loas ou condenações. Para quem lutou dignamente, valerá a pena.

...

Piracicaba, 30 de março de 2015.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA  
STEFANI

Cadeira nº 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

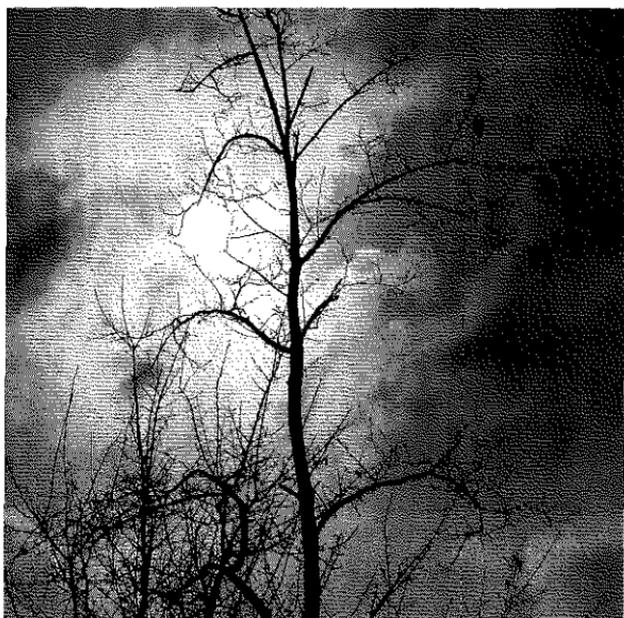
## Mesmo com sol

O dia amanheceu triste  
e dizem que todo poeta  
um pouco tem de louco  
um pouco tem de anjo.

Não que eu seja um poeta,  
nem tão pouco que seja louco  
pois o mundo todo  
no fundo um pouco tem de anjo  
um pouco tem de louco.

Mesmo com sol  
o dia amanheceu triste  
e dizem que pode ser,  
sensibilidade da pele  
ou que pode ser do coração.

O dia amanheceu sem você  
e digo com certeza,  
que são de seus olhos  
que não estão  
junto aos meus.



## E... O tempo

O tempo vira e revira  
muda  
e vira a gente  
de trás para frente  
de cima para baixo  
o tempo voa  
vira chuva  
vira ventania  
Até com sol ou  
mesmo com a lua  
o Tempo muda  
e desvira,  
desvia  
e vai...





---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO**  
Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

## **A Páscoa da Vida**

Há dois mil anos o sol acordou cedo em Jerusalém e havia um movimento desusado, uma sensação esquisita de algo incompleto que carregava as expressões de uns e de outros. Os acontecimentos terríveis da semana saíram do usual, e cercados de fatos reais e sobrenaturais trouxeram para todos que os presenciaram, ou souberam do drama pungente, um misto de perplexidade, uma sensação de que algo muito grande ainda estava por vir, e a tragédia ainda não fora arrematada.

Muitos se recordavam do homem humilde, montado num jumento que há poucos dias fora aclamado por uma multidão em Jerusalém e recebido como Rei e Filho de Davi. Não foram poucos os que traziam, cravado nas retinas e nos corações, aquele olhar profundo e inesquecível provindo de um nazareno extremamente belo, de túnica muito branca... Seu olhar devassador mais parecia enxergar lá dentro da própria alma e descobrir anseios, sofrimentos e traições!

Fatos incomuns acompanhavam aquele peregrino de toda a Judeia, a Samaria e a Galileia: curas e feitos maravilhosos, palavras sábias e iluminadas provindas do céu! Eram histórias e parábolas belíssimas que continham o fogo da verdade e da confiança, palavras que consolavam, remediavam, perdoavam, e asseguravam um mundo melhor e uma vida mais além... onde não havia sofrimentos... Palavras que traziam para os corações o sentido da vida, a dignidade e o respeito merecidos por todos, filhos de um mesmo Deus e irmãos entre si mesmos.

Naquela manhã, o aspecto da cidade se transformara:

os gritos dos almocreves repercutiam mais brandos e as bestas vindas das fontes, carregadas de odres, batiam seus cascos nas pedras, mais compassadas dentro do cenário natural. Os pássaros e as borboletas caprichavam em seus trinados e revolteios, confundindo-se com as flores que se abriam exalando aromas suaves... os rebanhos uniformes espargiam seus balidos pelos ares em intensa harmonia... As crianças, de cabelos dourados e olhos tranquilos, brincavam mais alegres e serenas... todos estes sabiam, com certeza deviam saber!..

Entre os adultos e os mais esclarecidos, porém, quanta confusão e quanta dor! Um homem bom e justo fora crucificado de forma brutal! Um homem que pelo amor se doara havia morrido... O mundo se esvaziara, perdera seu motivo, e a sensação de orfandade prevalecia...

Por toda parte, dentro e fora dos muros de Jerusalém, uma estupefação, misto de inconformismo, remorso e descontentamento da parte dos protagonistas daquele drama; os mais numerosos, porém, os pobres, os doentes, os operários, as viúvas, as mulheres pecadoras e as virtuosas, choravam a ausência daquele Jesus das bênçãos, das consolações, das promessas, das bem-aventuranças, do pão que saciava a fome, do peito que abrigava, do perdão que aliviava, dos mortos que voltaram à vida – Lázaro, o filho da viúva, e a filha do centurião! Suas lágrimas e seus gemidos misturavam-se à saudade e à lamentação!

Outros, contudo, ainda o temiam. Ele prometera voltar. E completavam a comédia de seus atos, guardando seu túmulo com escoltas. Tinham medo de um cadáver!

Mas o sol viera mais cedo naquele domingo e no jardim de José de Arimatéia havia prelúdios de hosanas. Tudo ali era mais belo, rodeado pelos sons orquestrados da natureza em festa, das flores e das árvores farfalhantes, e do firmamento esbanjando pelas frestas da vegetação tonalidades de ouro, de azul e de rosa – iluminuras cintilantes incidindo sobre aquele sepulcro envolvido de paz e de silêncio!..

Súbito, em meio a esta harmonia, ouviu-se um estron-

do que repercutiu muito longe, ecoando pelas quebradas dos montes... Uma grande pedra fora removida...

Um acontecimento extraordinário fechava aquele ciclo que já não era o da desesperança e do desespero... Aquela semana de tantos acontecimentos extraordinários resgata-va uma inominável injustiça e selava o compromisso de um Deus! Ele prometera voltar ressuscitado após o terceiro dia e cumpria sua promessa. Uma promessa que trouxe aos cristãos – de ontem, de hoje e de amanhã – a certeza de que não estamos sós; a grande esperança de que um dia, nós também, na Páscoa da Vida, O veremos face a face, na morada prometida aos justos e bons, todos aqueles que, guardando sua Palavra e seguindo seus ensinamentos, mantiverem acesa a centelha de seu divino Amor!



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI  
Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

## Rememorações Existenciais

Revedo o fundo do baú, com o intuito de desocupar espaços me desfazendo de alguns documentos antigos, redigidos dentro do pensamento nostálgico que impregnou minha adolescência e juventude, encontrei uma série de escritos que tipificaram uma época dourada (pelo menos para mim), repleta ora de amplexos, ora de frustrações. Fiquei em dúvida se alguns deveriam ou não ser eliminados, e acabei optando por torna-los públicos. Não deixam de ser o retrato falado de uma época.

### I

(in memorian de V.M.S.E.)

“Queria ter o sol nas mãos, para tocá-lo com seus raios de luz, e onde descansaria meus pensamentos tristes. E nesta rede ilusória, deixaria que as estrelas meus olhos cansassem de ver, estrelas cintilantes de longínqua felicidade.”

(18-9-69)

## II

### Amor

Ei garota,  
Pare...  
Pense  
Olhe...

Sinta com a imaginação  
Deixe-se levar pelo desejo  
Entregue-se, voe no limite  
Não é isto que quer?

Venha...  
Aproxime-se...  
Sinta o calor  
Invadir seu corpo...

Entregue-se...  
Feche os olhos...  
Sinta o abraço  
Os carinhos que reservo para você...

Chegue mais perto...  
Deixe-se envolver...  
Não tenha medo...  
O que quero você também quer

É nosso desejo  
É nossa ambição...  
Envolvermos um ao outro  
Se unirmos

Sermos um só...  
Um só corpo  
Uma só alma...  
Um único ser

Venha...  
Não tenha medo...  
É muito melhor  
Do que pensa...

Uma só vibração...  
Um só desejo...  
Uma só satisfação...  
Um só orgasmo...

Andarmos nas nuvens...  
Escorregarmos no arco-íris...  
Mergulharmos no azul infinito...  
No perfume da flor...

Estarmos um no outro  
Sermos um o outro...  
Venha...  
Venha ao novo mundo...

Beije-me...  
Cole seu corpo junto ao meu.  
Entregue-se...  
E vamos passear.

Vamos andar pelas ondas  
Voar pelo espaço  
Venha ter prazer  
E colher as flores da imaginação.

Saborear o néctar da satisfação  
Ter o amplexo  
Da luxúria  
Que existe dentro de nós...

Liberte-se... Renda-se...  
Viva os sonhos  
E a satisfação  
Em ser de dois, um só.

**III****Hoje estou ferido**

Hoje estou ferido...

Hoje estou ferido... estou longe de meu amor... não sei o que está a acontecer a ela... sei que está doente... sei que está deitada em uma cama de hospital... sei que está sendo operada... a carne sendo cortada pela tesoura e bisturi... ferem sem dó e piedade a carne para evitar que um mal maior se aposses dela... ela está amortecida pela anestesia, zonzas pelas drogas, mas a agressão está a ocorrer... o medo a se infiltrar em sua alma... os olhos a procurar desesperadamente por um porto seguro... e nós separados pelas asas do destino, pela distância, por tudo que se possa imaginar...

E eu aqui, preso aos grilhões que me impedem de estar junto a ela, e levar a tranquilidade, a ternura, o carinho que lhe amenize o terror que está tomando conta dela, dos medos e receios do desconhecido... de não ter quem a console e conforte por um momento que seja...

Hoje estou ferido... por minha omissão involuntária, que me tolhe os movimentos, me impede de levar a paz a ela, passar as mãos em seus cabelos, por sua face e falar que tudo está bem, que tudo caminha como o esperado... que tudo está a se findar... que não tenha medo... que este apenas é um novo começo... que agora novas portas da esperança se abrem para um futuro muito mais promissor...

Hoje estou ferido... por não poder compartilhar comigo sua dor, que na imaginação me corta por demais a carne, como se todos os ferimentos estivessem a ocorrer em mim, e nada pudesse fazer para amenizar sua dor e sofrimento...

Meu Deus... liberta-me de minhas amarras... deixa-me gritar quanto a amo e te quero... deixa-me poder explodir todo meu sentimento contido em meu peito... deixa-me estender minhas mãos e falar quanto te gosto... quanto te quero... quan-

to me faz sofrer tua ausência... quanto me fere não estar junto a ti num momento tão difícil...

Deixa-me gritar minha dor e dá-me forças para libertar-me de minha prisão para podermos dividir tudo o que está a passar...

Deixa-me gritar... e que minha voz não se perca no silêncio do infinito...

Deixa-me gritar...

Deixa-me...

## IV Despedida

### ENQUANTO

Enquanto estivermos nos encontrando na surdina, escondidos de todos e tudo,

Enquanto estivermos ocultos por quatro paredes ou janelas escuras,

Enquanto mantivermos aparências para ocultar nossas reais verdades,

Enquanto não assumirmos as realidades com nós próprios e com outros,

Enquanto tratarmos o parceiro como elemento descartável,

Enquanto fizermos do namorado o último valor das escolhas,

Enquanto pensarmos que justificativas possam cancelar compromissos,

Enquanto realmente um relacionamento não for prioritário,

Enquanto a chaga estiver aberta,  
Enquanto não soubermos aplicar corretamente o bálsamo para tratar as pústulas fluorescentes,  
Enquanto não pudermos infundir confiança,  
Enquanto sempre permanecer uma dúvida,  
Enquanto a neblina aflorar e obscurecer as estrelas,  
Enquanto a noite for negra e nada pudermos vislumbrar à frente,  
Enquanto sempre estivermos aguardando ao amor que não chega,  
Enquanto a amada estiver esvoaçando como vã fumaça que se dispersa na bruma,

### ENTÃO

Então nunca haverá esperança de futuro,  
Nunca haverá unidade,  
Nunca haverá realmente uma ligação sentimental,  
São apenas dois corpos usando um ao outro,  
Que se unem pelo desejo,  
Que se separam após o orgasmo,  
Que escondem dentro de si a interrogação,  
Que ignoram até aonde irá a situação,  
Que criam situação repugnante,  
Que somente pode causar asco,  
A quem assiste a abominável comédia.  
Afinal, não somos meros animais no cio...

### SE

Realmente há amor apenas por um,  
E a outra usurpa e rapina o sentimento,  
Alimenta-se do sangue e desespero alheio,  
Brinca com o corpo, emoção e dor do outro,

É CHEGADO O MOMENTO

De dizer adeus,  
De cada um seguir seu caminho,  
De um parar de brincar com o outro,  
De não mais deixar florescer o sofrimento e dor,  
De ter mais respeito mútuo,  
De dizer apenas,  
Foi bom enquanto durou.  
Adeus...

V

Quando vires uma estrela, siga-a  
Nem que ela leve-o a um pântano,  
Pois se não o fizerdes,  
Sempre ficarás em dúvida  
Até onde ela realmente  
Poderia te levar...

VI

Com a arte de criar  
Da arte de sofrer e viver  
E da arte de continuar a lutar  
Enfim, de ser...

**VII**

Vida e morte  
Tortura cruel  
Angústia mortal  
De todo o belo e proibido  
Do tudo e nada:  
Realidade e fantasia...

**VIII**

Toma consciência  
Do que o mundo é capaz  
Escolhe bem tuas opções  
Amanhã será tarde para se arrepender  
Um dia saberás  
Que perdeste a oportunidade  
Pois, nascido do pó  
Condenado estarás  
A ele retornar...

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS  
DE ALMEIDA LEME**

Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

## **Rito de Passagem 1**

A grande maioria das culturas, desde as primitivas até as muito sofisticadas cuidam dos ritos de passagem.

Rito de passagem da Educação Infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental. Em algumas escolas, porém, esse rito que deveria ter características científicas, técnicas e psico-pedagógicas adequadas não o têm, e sua falta ocasiona problemas de maior ou menor gravidade. Em alguns casos levando até ao abandono da escola, em outros casos enchendo os consultórios dos médicos, dos psicólogos ou até dos psiquiatras.

O ser humano é um todo, independentemente da faixa etária em que ele se encontre, precisa ser tratado como ser humano por inteiro. As escolas se preocupam o suficiente com o campo racional e isso é bom, mas o que é inadequado, algumas delas deixarem de atuar nos campos: afetivo, relacional, sócio-interativos, artísticos, espirituais... Quanto menor a faixa etária neste rito de passagem as consequências se evidenciam mais. Por exemplo, é muito comum, hoje, as crianças iniciarem a sua escolaridade bem cedo, até antes de dois anos de idade. Ocorre que estas crianças, ficam muito bem preparadas intelectualmente para cursarem o primeiro ano do ensino fundamental, mesmo muito antes de completarem seis anos, mas quase sempre não estão, igualmente, preparados para tal iniciação se analisarmos os aspectos sócio-pedagógicos relacionais, e psicossociais dos ambientes escolares, geralmente mais formais e até com alguma cobrança de desempenho pes-

soal e coletivo que podem ir além da capacidade de entendimento e ou aceitação emocional do educando.

Não raramente, percebemos situações aflitivas dos pais com seus filhos no primeiro ano, apresentando comportamentos indesejáveis como: voltar a dormir na cama dos pais, não controlarem a micção ou mesmo a evacuação (voltando a urinar ou evacuar na roupa), chupar o dedo, roer as unhas, ou ter comportamento excessivamente agressivo, ou ainda de grande passividade, perturbações no sono, dores de barriga, dores de cabeça, não quererem mais frequentar a escola...

O que acontece de pior é que essas crianças ficam com a autoestima muito baixa o que se agrava mais, quando ela tem irmãos mais velhos bem sucedidos. Irmão mais novo alcançando-as ou quando seus pais são expoentes intelectuais ou pelo menos não enfrentaram grandes problemas de escolaridade e que consciente ou inconscientemente, declaradamente ou subliminarmente cobram delas que sejam bem sucedidas, pior ainda quando a isso se amarra uma ideia de que a criança só será amada se for bem na escola.

O que fazer então?

Primeiramente, tem que se verificar se essas crianças estão, realmente, preparadas para enfrentarem o primeiro ano, depois a escola como um todo deve trabalhar muito bem esse rito de passagem. Todos os envolvidos no processo (diretores, coordenadores, professores, serventes, inspetores de alunos e pais) devem ter conhecimento e comportamentos adequados para tratar essas crianças. Mesmo que a criança já frequente a escola por repetidos anos este ritual de passagem deve ser bem trabalhado. Ainda mais se a criança vem de uma escola diferente. A bibliografia técnica científica a este respeito é grande e rica. A grande dificuldade parece ser de percorrer o longo caminho entre a teoria à prática.

Como agir?

Ouvir as crianças parece-nos ser o mais adequado, mais inteligente e mais rápido. Ouvir o que as crianças dizem e ler nas entrelinhas, isto é, estar atento ao não dito. Sentir com

elas. Trocar e negociar com elas. Dialogar, ouvindo, até mais do que falando. Sentindo até mais do que pensando. Vivenciando, com fundamentação teórica, a afetividade de maneira adequada e harmoniosa todo o processo. Cuidando para que a cobrança do formal seja coerente e gradativa. Se as crianças se sentirem bem no ambiente escolar, o aprendizado fluirá com mais facilidade.

Atualmente, os mestres, muito mais que ensinar conteúdo necessitam ensinar a buscar, a entender, a sistematizar, a escolher e a aplicar os conteúdos.

## **Rito de passagem 2**

Neste texto, desejamos abordar a passagem da 4<sup>a</sup> série para a 5<sup>a</sup> série ou do 5<sup>o</sup> ano para o 6<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental quando os alunos estão geralmente entre 10 e 12 anos. Este aluno(a) quase sempre sai de classes com um(a) professor(a) responsável pela classe, o acompanhamento ao(à) aluno(a) é feito não só de forma coletiva, mas, também de forma individualizada ajudando-o(a) a organizar a agenda de trabalho, verificando as lições de casa, corrigindo as tarefas, acompanhando a formação de hábitos de estudo, de postura, orientação à saúde física e mental e à vida escolar. De repente o aluno passa a estudar com vários professores, várias agendas de trabalho tendo que se organizar sozinho.

Os procedimentos metodológicos diferentes, a sistematização, a formalização, o que era área de estudo, agora é disciplina tudo é novo. Os(as) professores(as), em sua grande maioria, se preocupam essencialmente o conteúdo de sua matéria. Pois é nisto que eles são, realmente cobrados. A situação ainda se complica quando a escola não tem um trabalho

coletivo onde o “clima” da escola não é favorável à harmonia, à cooperação e à disciplina, onde os limites e a sistemática de ação não são bem claros, onde o respeito mútuo não prevalece. Diversidade na unidade de trabalho parece-nos que se desenvolve ao longo do tempo e que aos 10 ou 12 anos necessita de um rito de passagem não apenas de um evento isolado, mas de um ‘estar junto’ até que o aprendiz seja capaz de andar com as próprias pernas. Abandoná-los nesta hora é desumano.

Se a escola desenvolveu um bom trabalho nos primeiros anos, esta passagem é alegre e saudável, mais cooperação que competição e se houver competição que seja para o crescimento de todos, se a escola trabalha em equipe, esta continuidade é sem saltos, não existirão situações humilhantes, apelidos depreciativos, as diferenças e os ritmos individuais serão respeitados.

Se a direção, a coordenação, o corpo docente e o corpo discente, os funcionários, os pais tiverem conhecimento e aceitação desta fase peculiar (agora o alunado é mais gregário que antes e seu aprendizado individual acontece no coletivo), tudo transcorre de forma agradável e as vitórias serão compartilhadas. Fica ótimo quando a escola realiza um bom trabalho de equipe. O aluno(a) se sente apoiado, o(a) professor(a) não é, individualmente, responsabilizado(a) pela indisciplina, pela não aprendizagem, o(a) professor(a) não sente se acuado(a) sem saber como reagir, culpando o aluno e eventualmente a família ou ainda os professores dos anos anteriores... Fracasso ninguém quer compartilhar.

É bom lembrarmos-nos de que nesta fase a que criança, pré-adolescente (como eles gostam de ser chamados) ou até adolescente, como alguns já o são, têm o pensamento crítico bem presente, a sensibilidade é extremamente aflorada, a criatividade e a liderança também despontam, como trabalhar com isto tudo? Gostaria de colocar perguntas para a reflexão. Você confiaria num profissional que não estuda, não lê, não reflete, não se atualiza? E em algum profissional que não soubesse percorrer adequadamente o caminho difícil entre a teo-

ria e a prática? Quem trabalha com gente precisa ser humano? Para o profissional consciente que ama seu trabalho, é eficiente e eficaz no desenvolvimento de seu projeto, o resultado é consequência?

### **Rito de passagem 3**

A passagem do Ensino Fundamental, obrigatório, para o Ensino Médio não obrigatório, ocorre na faixa etária próxima aos 14 anos.

O conteúdo toma proporções gigantescas e a finalidade principal é aprender para ser aprovado no vestibular. As matérias têm caráter de rigidez e são estanques. Agora que o alunado está no centro da adolescência, com transformações físicas, psíquicas e sociais gritantes. Poucas escolas estão atentas a isso.

As transformações não se dão por igual, nem no próprio indivíduo e muito menos no grupo, não se processam tranquila, mecânica e matematicamente, previsíveis e agradáveis. Há pouco diálogo com os alunos e eles não têm consciência sobre estas transformações e ignoram que os professores tenham conhecimento do que os inquietam. Ainda neste sentido, a mídia passa informações quase sempre deturpadas, aumentando a ansiedade e o desconforto quando não baixam a autoestima do adolescente, colocando valores ligados ao ter, aumentando o consumismo e deixando infelizes os que têm baixo poder aquisitivo ou estão fora do padrão de beleza determinado por ela.

Nesta fase o grupo tem maior influência sobre os adolescentes que a própria família e este alija os de qualidades que o grupo não prioriza. Coisas que sem entendimento e

aceitação, podem atrapalhar o desenrolar do crescimento:

1) O desenvolvimento físico muito acelerado traz desconforto, como os braços e as pernas crescem mais rápido do que o cérebro possa dar conta e o adolescente passa a derrubar coisas. É comum também as pernas não obedecerem prontamente.

2) Os aspectos psicológicos e sociológicos dessa fase:

2.1) Algumas características psicológicas: o adolescente perde um pouco a noção de tempo e as vezes de espaço, então, é comum ele achar que dá tempo de ir a cinco ou seis eventos no mesmo dia ou até no mesmo horário, também tem dificuldade para organizar seus calendários e seus horários de estudo, deixa para estudar no dia da prova, tem dificuldade de trabalhar linha do tempo na história e os espaços geográficos; é imediatista, dificilmente pensa nas consequências de seu imediatismo, não tem paciência de esperar, tem um espírito aventureiro muito aguçado e radical, às vezes, não tem medo de nada ou tem medo de tudo. Sente-se extremamente poderoso, pensando, por exemplo: eu posso fumar hoje e amanhã não fumar mais, ou nunca vou pegar doenças sexualmente transmissíveis, ou não vou engravidar.

(2.2) socialmente: os amigos passam a ter importância maior do que a família, nem que seja apenas no sentido de estar junto. Para o adolescente, ser aceito pelo grupo é vital, os adultos são ultrapassados, caretas e covardes, só lhe interessa ser aceito por seu grupo, fazer as coisas que o grupo admira como contestar, ousar, chocar.

Se os educadores não estiverem preparados, e eles próprios não tiverem muito bem resolvidas estas suas questões, a sala de aula vira um barril de pólvora e qualquer coisa é uma ameaça de fogo. O que fazer então? Tudo deve ser feito não só de forma coletiva mais também de forma individualizada ajudando-o a compreender esta nova fase que está vivendo, a organizar seus estudos não adiando indefinidamente a hora

de estudar e a não desanimar. Desafie-o a estudar, a criar e a produzir. Não adianta muito você estar a toda hora falando que é para passar no vestibular (o adolescente é imediatista, lembre-se!). Debates, campanhas, olimpíadas, oficinas, feiras científicas e profissionais, seminários, torneios, são mais próximos que o vestibular. Se a formação de hábitos de estudo, postura, orientação à saúde física e mental e à vida escolar já vem acontecendo é só manter o entusiasmo e fortalecer os pré-requisitos. Um bom trabalho coletivo e individual ajudará até na escolha profissional.

Caso não se trabalhe este rito de passagem, haverá uma fuga real ou ideológica do Ensino Médio.

Se o alunado aprendeu a aprender, a conviver, a pensar, adquiriu hábito de estudo, reflexão, concentração e comunicação, a aprovação no vestibular será consequência natural de tudo isso. Educador, sua fala e seu testemunho pesam, hoje, muito mais que antes, você que criou bons laços afetivos com seus alunos, tem mais credibilidade e influência do que o resto do mundo, incluindo a mídia.

Acredite nas lideranças juvenis, faça com elas parcerias, crie com elas “climas” de paz, solidariedade, inclusão, cidadania emancipadora ou como diz Terezinha Rios “Felicidade”.

## **Queria, quero...**

Queria sentir uma brisa suave a acariciar o meu rosto,  
mas ocorre uma tempestade com raios  
que ofuscam minha visão cansada.

Queria o bem rondando a vida de todos,  
mas os noticiários me falam de crimes, de mortes, de roubos,  
de corrupção, maldades contra tudo e contra todos...

Apesar disto é preciso ter esperança.

Esperança de dias melhores.

Esperança de brisa suave acariciando nosso rosto,  
sussurrando paz.

É preciso ter entusiasmo, alegria de viver e de proteger a vida  
e a vida em abundância como nos diz Jesus.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA  
Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos

## LIRACICABA

De repente  
um orgulho danado  
de ser de Pira,  
de ser caipira !

Em direção ao rio  
todo olhar se fia -  
pura mescla  
de peixe-espuma  
e porto-poesia.

Quando longe  
a saudade pia...  
há o som da viola  
do vento na plantação...

Em teu peito, minha terra,  
povoa dor e alegria,  
avanço e retrocesso.  
Tu hoje és processo,  
desde sempre és a lira.

Orgulho danado  
de ser tua filha !

## **Quintais, os nossos**

Lavados os nossos quintais -  
aqueles de muros antigos  
barrados por fendas e heras  
de chão pelo musgo forrado  
com as ervas daninhas crescidos  
de flores e frutas vermelhas.

Os quintais, os nossos internos -  
de novo e juntos lavados  
dos arbustos, ramos, espinhos  
que vezes nos ardem infernos  
e d'outras nos eclodem ovos  
no abrigo de constantes ninhos.

Os imos quintais intestinos -  
por lágrimas grossas lavados  
dos ares aqueles viciados  
dos males os idos e vindos  
chuvados nas calhas e telhas  
das beiras das almas as nossas.

## Guzi

Ano exato  
- Guga  
já não era

De seu ato  
instintivo -  
a fuga  
definitiva

Gatito  
- por que será ?  
deixaria no ar  
a macieza do pelo  
a leveza do pulo  
a agudeza do olhar

De sua ida  
furtiva -  
a saudade  
exata  
a ronronar n'alma  
de nulos  
felinos dias



R R A  
 E M  
 T U  
 A N  
 D D  
 I V O

*ê vida que dá voltas...  
 sem tempo de pensar  
 de soltar aquele nó*

*que aperta o viver  
 que pesa dores  
 nas costas*

*ô mundo tão incerto...  
 sem folga para ver  
 nos dias as cores*

*nem chance que encerre  
 sequer uma folia...*

*ah terra que vira e volta...  
 que faz ávida*

*- a vida*

## A Casa da Treze

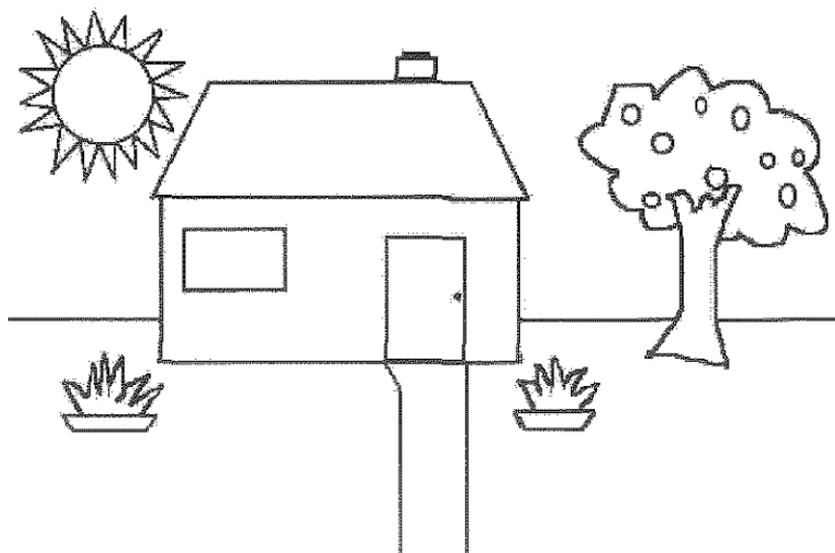
De quartos e cantos  
a casa restou  
encantada

Morada de cupins  
atemporais  
apenas ávidos  
no devorar memórias

De quintal comprido  
varais sem toalhas  
penduradas lembranças  
.....

A casa em silêncio  
som algum de piano  
nem agnus dei  
ou vozes de alento

De paredes e peles  
enrugadas de tempo  
a casa restou  
de saudade cumprida





---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRÂNICO  
Cadeira nº 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

## Onde andar­á o AMOR?

Século XXI, tecnologia avançadíssima!!!

Pode se dizer mesmo que não há mais distância alguma entre nenhum ponto do nosso planeta Terra.

Os meios de comunicação unem todos os povos, por mais distantes que estejam uns dos outros.

A ciência, avançadíssima, encontra cura para quase todas as doenças; o universo, explorado pelo ser humano, cada vez mais sendo conhecido.

Mas e o HOMEM? O que se fez e faz com ele? Frequentemente, e cada vez mais solitário, frente a uma tela de computador, procura fazer amizades virtuais, faz compras, paga contas, revela seus segredos, sua intimidade a estranhos e – o que é muito pior – infelizmente organiza e pratica crimes. Não são poucos os casos de assédio, violência sexual, pedofilia, entre outros crimes hediondos, que se iniciaram, mais uma vez, frente a uma máquina que só deveria trazer benefícios a humanidade.

Mais uma vez, se repete a história que todos conhecem do Pai da Aviação – Santos Dumont – que inventou o avião essa máquina hoje maravilhosa, para unir os homens de todos os cantos da terra – e – para que usaram essa máquina, durante guerras mundiais? O avião, de seus sonhos, foi o meio que países inimigos usaram para bombardear... destruir cidades... matar... matar.

Em todos esses casos, tragédias, mesmo, onde andar­á o AMOR nos dias de hoje?

Confunde-se o AMOR com atração sexual, e, passada

a euforia de alguns encontros, geralmente poucos e sem profundidade, carinho, respeito, do mesmo jeito que iniciaram, terminam e, partem, com a maior naturalidade, para outros encontros. E, assim, vão “ficando” e o mais grave é que – nesses encontros pode acontecer uma gravidez... E agora?

Pais despreparados para essa situação, os jovens, com ou sem o apoio da família, têm seus filhos que, infelizmente, crescerão numa completa falta de estrutura familiar. Isso sem falar dos casos que terminam, infelizmente, em tragédia, onde, um dos dois ou até ambos acabam nos cemitérios.

E aí é que o AMOR faz muita falta.

Como poderá crescer uma criança que, às vezes, nem conheceu os próprios pais, vivendo cada ocasião, numa casa diferente, como um fardo que pessoas da família, amigos, orfanatos tem que assumir? Que adultos serão estas crianças?

Em outro casos, como será o desenvolvimento de uma criança, que veio ao mundo num famoso “golpe da barriga” – apenas como garantia financeira para sua mãe?

Há ainda muitos e muitos erros que aqui poderiam ser citados, mas, em qualquer um desses casos, fica sempre muito clara a falta de AMOR.

Aquele AMOR verdadeiro, que nasce do envolvimento, não apenas do corpos, mas também de almas, aquele AMOR que é generoso, nada cobra, que supera dificuldades, sabe compreender e perdoar.

As famílias de hoje, com características muito diferente das famílias do passado, têm muito mais liberdade, conforto, acesso as informações tecnológicas, com uma velocidade cada vez maior e – por conta disso – acabaram por atropelar, sufocar e matar o AMOR. Lamentavelmente.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO**  
Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade

## **Momento inesquecível**

No ano de 1963 éramos trinta e dois os acadêmicos do quarto ano de graduação em odontologia de Piracicaba, hoje FOP UNICAMP.

Tínhamos como diretor o Prof. Dr. Carlos Henrique Robertson Liberalli, designado pelo Governador do Estado de São Paulo em 1956, que como docente era professor de Farmácia Galênica na Universidade de São Paulo.

Meados de 1963, nós acadêmicos e sonhadores reuníamos com frequência para escolhermos o patrono e o paraninfo.

Depois de muito vai e vem, com discussões ingênuas e muitas vezes com caráter político, decidimos que nosso objetivo era fazermos uma viagem até a Argentina, de ônibus, no início de 1964.

E para conseguirmos o dito ônibus, iríamos convidar o Governador de São Paulo, Dr. Adhemar Pereira de Barros, eleito em 1962. Contávamos com a presença e o apoio de nosso ilustre Diretor, de elevado prestígio na administração pública.

Pois é. Marcado o dia da audiência, uma Comissão da qual fiz parte dirigiu-se ao Palácio dos Campos Elíseos, no centro da Capital.

Marcada para as quatorze horas de um dos dias do mês de junho, lá estávamos: nossa Comissão, o Prof. Liberalli, e para tratar deste e outros muitos assuntos os Srs. Aziz Maluf e Abrahão Maluf Sobrinho, caciques do PSP (Partido Social Progressista) em nossa cidade.

Adentramos o Palácio, e na antessala do Governador, pelo menos meia centena de brasileiros se acotovelavam, sem

ter como se acomodar de forma decente. Dois aparelhos de telefone Ericsson, pretos, de disco, tocavam insistentemente e os funcionários anotavam recados em caderno comum; água e cafezinho a desejar; ar-condicionado, não; ventiladores, sim. Em um canto, dois funcionários alegravam o ambiente com o barulho próprio de suas máquinas de escrever. Sem dúvida, ambiente cansativo e irritante.

Às dezessete horas aproximadamente, saiu do gabinete do Governador um belo contingente de cidadãos, permitindo-nos ocupar o espaço deixado.

Fumando incessantemente, em pé, o Governador tirou do maço o último dos vinte adquiridos. Amassou a caixa, atirou para trás e o objeto voador foi destinar-se na cabeça de um dos militares de plantão no gabinete. Momento de descontração e irreverência.

Os representantes do partido em Piracicaba (Aziz e Abrahão) apresentaram ao Governador algumas pequenas questões que foram, de imediato, aceitas ou rejeitadas.

Chegando a nossa vez, Abrahão Maluf expressou: “Governador, estes moços acompanhados de seu Diretor, da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, aqui estão para convidá-lo para ser o Paraninfo da turma em dezembro próximo.” Nem terminou de falar, ouviu, em tom de voz para ser gravado do outro lado da avenida: “NÃO ACEITO”. Abrahão tentou novamente: “Mas Governador”... e não terminou novamente: “Quando eu estava na Bolívia, em Cochabamba, porque o Jânio queria me perseguir, ninguém me procurava; agora que estou por cima, todos querem me puxar o saco; não aceito”. Nisto, um dos meus colegas tomou a iniciativa de “Mas Governador, pelo menos arruma um ônibus para viajarmos até a Argentina”. Veio a resposta “VAI A PÉ”...

Nossos olhares se cruzaram e o silêncio se fez presente. Momentos depois, nosso Diretor, Prof. Liberalli, um tanto afastado dos demais nos disse: “Consegurei um ônibus para vocês”. Conseguiu na Universidade de São Paulo um ônibus que, embora não fosse confortável, fomos até Porto Alegre,

ficando dezesseis dias passeando e conhecendo esse fértil e belíssimo sul brasileiro.

Passado mais de meio século, tomo a iniciativa de tornar público essa passagem depois de analisar o comportamento de nossos políticos.

O Governador Adhemar, político, irreverente, descontraído, populista, expressou-se na oportunidade com exagerada sinceridade.

Os homens públicos de hoje, orientados por marqueteiros profissionais apresentam-se com roupas previamente aprovadas, cabelos bem trabalhados, óculos esteticamente escolhidos, acompanhados de assessores e guarda-costas e assim por diante.

O que menos interessa é a autenticidade e o compromisso com os problemas da população. Apenas um lembrete: toda regra tem exceção.



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME**  
Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

## **Parem o mundo que eu quero descer**

Você pensa que está parado sobre a face do planeta, e que somente você estaria em movimento quando estivesse, andando a pé ou estivesse num carro, num trem, num barco ou num avião?

Isso não é verdade, pois mesmo você parado estaria a uma velocidade de 1.000 quilômetros por hora, isso porque em 24 horas a terra gira em torno do seu eixo 40.000 km que é aproximadamente a medida da linha do equador, sem considerar outras velocidades relativas. Você estaria parado em relação ao movimento de rotação da terra só se estivesse nos polos e bem no ponto do suposto eixo do mesmo.

Como vemos, no dia a dia, quem está integrado a vida urbana, com todos os ganchos de atitudes que a vida nos força, está no “mato com cachorro”, pois as atribuições sociais na família, no serviço, no trânsito, nos mercados, nos shoppings, nas igrejas, nas calçadas, e na cabeça dos integrantes, estão cada vez mais levando a população aos hospitais por não estarmos vencendo aquilo que estão chamando de “vida”.

É dessa velocidade de “vida” que pretendemos discorrer.

A velocidade de informações, introduzidas pela internet somadas ao crescimento da população mundial encostando nos 7 bilhões de seres humanos, está trazendo para a maioria, uma sensação de vertigem de viver, não sabendo de que jeito, uma vertigem de ganhar não sabendo para que vai servir, uma vertigem de dominar o próximo através de temas justificados pela democracia, a vertigem de entender o que esta acontecendo, quando tudo esta sendo levado a olharmos

sempre o lado de fora do nosso ser. Veja então a que velocidade de atividade social chegamos, não dando mais tempo para olhar em outros ângulos.

Não queremos achar a culpa por não estarmos vendo o lado de dentro do nosso ser, porque ele também esta sendo bombardeado por todos os confrontos dessa sociedade.

A sociedade a nosso ver, está com dificuldades de viver o “espírito comunitário”, o que leva a prática insuficiente da socialização. É necessário que se insira a prática da solidariedade para se completar a eficácia do processo.

Acreditamos, que as dores a serem sofridas, no caminhar do aprendizado, que tem um passo curto, para vencer os problemas dessas tiriricas que crescem mais que as soluções, mesmo com falta de chuvas, e que venham servir de exemplos a serem seguidos, pois temos muito a avançar nos campos da sobrevivência, entendendo que a poluição material, através dos plásticos, dos produtos tóxicos, das agressões a natureza não estão sozinhas, mas a ela são juntadas as poluições morais e espirituais, inculidas por costumes pervertidos.

Talvez seja a hora de gritarmos: “Parem o mundo que eu quero descer”, mesmo sabendo que de nada vai resolver.

**APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO\***

- **Elda Nympha Cobra Silveira** lançou em 10 de abril o livro “E... A vida passa”, no salão da Escola de Mães – rua Prudente de Moraes, 1578 - Bairro Alto.
- **Membros da Academia Piracicabana de Letras** participaram do evento encabeçado pelo CLIP, em comemoração ao Dia Nacional da Poesia, em sua décima edição, distribuindo poesias em vários locais da cidade.
- O acadêmico **Cassio Camilo Almeida de Negri** teve seu texto “Conto de Natal” publicado na revista da APM - Associação Paulista de Medicina.
- **Aracy Duarte Ferrari** participa da Comissão de Eventos Cívicos na Câmara municipal de Piracicaba. Recebeu moção de aplausos como secretária do Clube dos Escritores nos seus 25 anos de entidade literária.
- **Carmen Maria da Silva Fernandez PiLotto** recebeu no dia 2 de outubro, a Medalha do Mérito Cultural 2014, modalidade Literatura. A medalha é outorgada pela Secretaria Municipal de Ação Cultural com a entrega do Troféu Branca Motta de Toledo Sachs.

---

\* Nesta seção, somente os nomes dos acadêmicos titulares da APL são sempre destacados em negrito. O Editor pede desculpas pelas possíveis omissões involuntárias e insiste no pedido de que os Acadêmicos o mantenham informado acerca das atividades literárias, culturais e artísticas que realizam. Se todos o fizerem, esta seção da Revista da APL poderá ser bem mais completa e corresponderá de modo adequado ao muito que realmente fazem e produzem os membros de nossa Academia.

- **Leda Coletti** classificou-se em primeiro lugar, no 14º Concurso de Poesias, na categoria Sênior (acima de 60 anos), com a poesia “Criança Grande”. Realizado em Capivari.
- Visite o *blog* da Academia Piracicabana de Letras: <http://academiapiracicabana.blogspot.com.br/>  
O *blog* é atualizado toda semana pela acadêmica **Ivana Maria França de Negri**.

\*\*\*

“Cada momento é um momento de graça, cada hora uma oferenda: não partilhá-las seria o mesmo que traí-las. Nossas vidas não pertencem mais a nós somente; pertencem a todos aqueles que precisam desesperadamente de nós.”

*Elie Wiesel*

PRÊMIO NOBEL DA PAZ DE 1986

Homenagens póstumas aos acadêmicos que fizeram parte da nossa vida e com os seus trabalhos de nossa história:

Antonio Henrique Carvalho Cocenza  
Erasmus Prestes de Souza  
Homero Anéfalos  
Hugo Pedro Carradore  
Maria Emília Leitão Medeiros Rede

Saudosa e sincera homenagem de seus pares da Academia Piracicabana de Letras.

## DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

- Presidente – Maria Helena Vieira Aguiar Corazza  
 Vice-Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim  
 Primeiro Secretário – Felisbino de Almeida Leme  
 Segunda Secretária – Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme  
 Primeiro Tesoureiro – Waldemar Romano  
 Segundo Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto  
 Bibliotecária – Marly Therezinha Germano Perecin  
 Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari  
                           Elias Salum  
                           Gregório Marchiori Netto

## GALERIA ACADÊMICA

- Alexandre Sarkis Neder** – Cadeira nº 13 – Patrono: Dario Brasil  
**André Bueno Oliveira** – Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs  
**Antonio Carlos Fusatto** – Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda  
**Antonio Carlos Neder** – Cadeira nº 15 – Patrono: Archimedes Dutra  
**Aracy Duarte Ferrari** – Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion  
**Armando Alexandre dos Santos** – Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado  
**Carla Ceres Oliveira Capeleti** – Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata  
 Grigolin  
**Carlos Moraes Júnior** – Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida  
**Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira nº 19 – Patrono:  
 Ubirajara Malagueta Lara  
**Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira nº 20 – Patrono: Benedito  
 Evangelista da Costa  
**Cezário de Campos Ferrari** – Cadeira nº 12 – Patrono: Ricardo Ferraz  
 de Arruda Pinto  
**Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de  
 Almeida Junior  
**Elias Salum** – Cadeira nº 5 – Patrono: Leandro Guerrini  
**Evaldo Vicente** – Cadeira nº 23 – Patrono: Leo Vaz  
**Felisbino de Almeida Leme** – Cadeira nº 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto  
**Francisco de Assis Ferraz de Mello** – Cadeira nº 26 – Patrono: Nelson  
 Camponês do Brasil  
**Geraldo Victorino de França** – Cadeira nº 27 – Patrono: Salvador de To-  
 ledo Pisa Junior  
**Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira nº 28 – Patrono: Delfim Ferreira da  
 Rocha Neto

- Gustavo Jacques Dias Alvim** – Cadeira n° 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
- Homero Anefalos** – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anefalos
- Homero Conceição Moreira de Carvalho** – Cadeira n° 31 – Patrono: Victório Ângelo Cobra
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira n° 1 – Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira n° 34 – Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Acadêmico Honorário
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** – Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz
- Marisa Amabile Fillet Bueloni** – Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Marly Therezinha Germano Percin** – Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani** – Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho** – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Olívio Nazareno Alleoni** – Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti** – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz Guidotti
- Pedro Caldari** – Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende
- Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme** – Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges
- Sílvia Regina de Oliveira** – Cadeira n° 22 – Patrono: Erotides de Campos
- Toshio Iczuca** – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres
- Valdiza Maria Caprânico** – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
- Waldemar Romano** – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de Andrade
- Walter Naime** – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz





ISSN 2177-2797



9 772177 279006